



**FACULDADE DE DESPORTO**  
**UNIVERSIDADE DO PORTO**

## **APRENDER NO MEU TEMPO**

### **- RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL -**

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e do Decreto-lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro.

**Orientador:** Professora Doutora Zélia Matos

**Tiago José Sousa Ferreira**  
**Porto, Julho de 2013**

### **Ficha de Catalogação**

Ferreira, T. (2013). Aprender no Meu Tempo: *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: T. Ferreira. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, MODELOS DE ENSINO

*“Eles não sabem, nem sonham,  
Que o sonho comanda a vida,  
Que sempre que um homem sonha  
O mundo pula e avança  
Como bola colorida  
Entre as mãos de uma criança.”*

*António Gedeão  
(in "Movimento Perpétuo")*



## AGRADECIMENTOS

À professora orientadora, Zélia Matos, pelas excelentes reuniões que tivemos e a disponibilidade para ensinar mais do que é pedido tornando assim muito mais enriquecedora esta experiência.

Ao Professor Cooperante, José Soares, pela simpatia, disponibilidade em ajudar e confiança transmitida para ser melhor.

À Turma do 9ºA, pelo ter sido uma turma fantástica onde pude aplicar os meus conhecimentos e pelos excelentes momentos passados nas aulas de educação física.

À Teresa e á Cátia pelos excelentes momentos por que passamos nestes meses de intenso trabalho que foi aligeirado pelos diversos momentos de pura diversão. Obrigado pelos vídeos que foram feitos e por me deixarem ser o mais um. Ao núcleo 1 de estágio da Escola Secundária D. Dinis, Ana Rita, Luis e Rui, pelos almoços intermináveis e as conversas sérias que tínhamos brincando.

Ao Sr. Dias e D. Adelaide por terem ajudado imenso neste longo caminho.

Aos “*Marretas*”, Paisana, Gil, Vítor e Afonso, embora não tenhamos tido tanto tempo junto este ano, foi fantástico o vosso apoio.

A ti, Raquel, tu sabes porquê.

Aos meus pais e irmão, sem eles, não tinha vontade de lutar por mais para ser melhor.

A todos os anteriores, e os que me poderei ter esquecido, mas que foram fundamentais para este longo caminho, o meu sincero agradecimento.



## ÍNDICE GERAL

<b>Agradecimentos</b>	V
<b>Índice</b>	VII
<b>Resumo</b>	XIII
<b>Abstract</b>	XV
<b>Abreviaturas</b>	XVII
<b>1. Introdução</b>	1
<b>2. Dimensão Pessoal</b>	7
2.1. Reflexão autobiográfica	9
2.2. Expectativas em relação ao Estágio Profissional	13
<b>3. Enquadramento da Prática Profissional</b>	19
3.1. Caracterização da minha escola – Escola Secundária D. Dinis	22
3.2. Caracterização do corpo docente de educação física	27
3.3. Caracterização da “minha” turma.	27
<b>4. Realização da Prática Profissional</b>	31
4.1. Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem	33
4.1.1. Necessidade de conceção	33
4.1.2. Tenho que planear e agora?	36
4.1.3. O conhecimento adapta-se à realidade?	42
4.1.4. Que modelo de Ensino utilizar?	46
4.1.5. Tenho aulas de 45 minutos. E agora?	53
4.1.6. Refletir é melhorar?	58
4.1.7. E agora tenho que avaliar?	61
4.2. Participação na escola e relações com a comunidade	69
<b>5. Conclusão e Perspetivas para o Futuro</b>	83
<b>Referências Bibliográficas</b>	87
<b>Anexos</b>	93





## ÍNDICE DE TABELA

<b>Tabela 1</b> - Unidade didática de Basquetebol (Parte 1)	.	XIII
<b>Tabela 2</b> - Unidade didática de Basquetebol (Parte 2)	.	XV



## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>Anexo 1 – Critérios de Avaliação Diagnóstica Andebol</b>	.	.	X
<b>Anexo 2 – Unidade Temática Basquetebol</b>	.	.	XIII
<b>Anexo 3 – Plano de Aula</b>	.	.	XV



## RESUMO

Este relatório de estágio, pretende refletir criticamente as situações vividas – experiências -, salientando a aquisição e desenvolvimento de competências fundamentais para ser professor de educação física. O ano de estágio foi vivido na Escola Secundária D. Dinis, num dos núcleos que lá estagiaram, sendo que esse núcleo era constituído por três elementos, sempre orientado por um professor orientador pertencente à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e um professor cooperante que também tinha como função orientar e também supervisionar a nossa prática.

O presente relatório de estágio expõem os principais “momentos”, aqueles que me marcaram mais no decorrer deste ano, para serem debatidos e refletidos como forma de complementar a minha vivência na prática.

Assim, este documento está dividido por cinco capítulos: 1 – *Introdução* - dá a conhecer a importância quer do relatório de estágio quer do estágio profissional, assim como os objetivos dos mesmos; 2 - *Dimensão Pessoal* - expõe as opções por mim tomadas que acredito, que me fizeram chegar até aqui; 3 - *Enquadramento da Prática Profissional* - realiza um enquadramento do estágio profissional nas diversas dimensões; 4 - *Realização da Prática Profissional* - divide-se em áreas, sendo a área I a “*Organização e Gestão do Ensino*”, área II e III “*Participação na Escola e Relações com a Comunidade*”; 5 - *Conclusão e Perspetivas para o Futuro* - onde tento perceber o que trará para a minha vida futura terminar este ciclo de estudos.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, MODELOS DE ENSINO



## ABSTRACT

This practical report aim makes a critical reflection about lived situations – experiences – stressing the acquisition and development skills to be physical education teacher. The internship year was experienced in Escola Secundária D. Dinis, in one of two nuclei with three students each, always guided by supervisor teacher of Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, and Cooperating teacher wich had the function of guide and also supervise our practice.

This pratical report, exposed the main “moments” that marked me most during the year, to be debated and reflected as a way to supplement my experience in practice.

The present document is divided in five chapters: 1 – Introduction - importance of practicum report and the professional year as well as its objectives; 2 - Personal Dimension - exposes the options taken by me, which I believe that make me end here; 3 - Professional Practice Framework - holds up a framework of professional traning in the various dimensions; 4 - Professional Practice - is divided into areas, area I “Organization and Management of Teaching and Learning”, II and III “School Participation and community relations”; 5 - Conclusion and perspective for the future - where I try to realize what complete this course of study will bring me to my future life.

**KEY-WORDS:** TRAINEESHIP, PROFESSIONAL DEVELOPMENT, TEACHING MODELS





## **ABREVIATURAS**

**DE** - Desporto Escolar

**EEFEBS** - Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**EF** - Educação Física

**EP** - Estágio Profissional

**ESDD** - Escola Secundária Dão Dinis

**FADEUP** - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

**MD** – Modelo Desenvolvimental

**MEC** – Modelo de Estrutura do Conhecimento

**MID** – Modelo de Instrução Direta

**PC** - Professor Cooperante

**RE** - Relatório de Estágio



## **1. INTRODUÇÃO**



Este documento, Relatório de Estágio (RE), é concebido como o culminar de um processo, estágio profissional (EP), que representa uma das unidades curriculares do segundo ciclo de estudos, conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (EEFEBS) da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O processo educativo tem diversos intervenientes, sendo que o que importa aqui salientar é o professor. Devido à relevância que este tem no processo, é necessário que o mesmo seja possuidor de um conhecimento extraordinário, para que torne possível dar resposta ao conjunto de situações a que se encontra exposto. Delors (2001) afirma que a educação deverá organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais sendo elas: *aprender a conhecer*, onde se realiza a aquisição de instrumentos de compreensão, *aprender a fazer*, onde é permitido agir sobre o meio em que estamos a desempenhar as funções, *aprender a viver juntos*, sendo que aqui existe uma cooperação com o outro e por fim, *aprender a ser* é o culminar e a integração dos três processos anteriores.

O ano do EP acaba por ser reduzido considerando a necessidade que um professor tem de formação. Contudo, este ano acabou por ser muito enriquecedor para mim visto que o desenvolvimento quer a nível pessoal, quer a nível profissional é incalculável. Neste ano, foi constante a procura pela competência, pois só assim conseguirei melhorar como professor.

Este ano de estágio acaba por ser um ano em que se pretende melhorar a formação que já tinha vindo a ser adquirida durante primeiro ano deste ciclo de estudos. Tal como refere Matos (2012), "*O EP visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.*". Também é referido pela autora que o mesmo deve ser organizado segundo as seguintes áreas:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da aprendizagem;
- II. Participação na Escola;

- III. Relação com a Comunidade;
- IV. Desenvolvimento profissional.

Para que fosse possível concretizar as tarefas e desenvolver-me em função das áreas expostas anteriormente, realizei o estágio profissional na Escola Secundária D. Dinis em Santo Tirso. Esta escola tinha dois núcleos de estágio com três estudantes-estagiário cada, sendo que fomos orientados por dois professores: o professor orientador, pertencendo à Faculdade e o professor cooperante, pertencente à escola.

Visto este ser um documento que simboliza o EP, é necessário que exista uma clara organização. Desta forma, o RE encontra-se organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado de “Introdução” pretende apresentar de uma forma clara tudo o que será abordado no decorrer do RE. É aqui que se tenta salientar a importância dada ao estágio profissional e os objetivos do mesmo na condição em que foi vivido, como estudante-estagiário.

O segundo capítulo, “Dimensão Pessoal”, expõe o meu percurso pensando no que me permitiu chegar a este ponto. É neste capítulo que são analisadas as opções por mim tomadas, bem como as minhas expectativas não só relativamente ao EP, mas também a todos os intervenientes no mesmo.

“Enquadramento da prática profissional” é o terceiro capítulo. Neste ponto, são abordados temas fundamentais como os que caracterizam o estágio profissional. Aqui, há uma caracterização do contexto em que foi realizado o EP, sempre baseado no enquadramento legislativo e regulamentar do EP em geral e da FADEUP em particular.

Um dos capítulos que tem uma especial importância é o quarto, intitulado de “Realização da Prática Profissional”. Este capítulo surge da necessidade de refletir sobre todo o processo envolvente do EP. Foram vários os problemas sentidos, as atividades desenvolvidas, as dificuldades, as estratégias utilizadas para resolução das mesmas e as necessidades que para ultrapassar as situações. Assim, e como forma de melhor realizar o entendimento desta área, foi necessário realizar uma reflexão mais profunda sobre temas que tenham sido marcantes para mim. Este capítulo encontra-se

organizado segundo as quatro áreas fundamentais salientadas por Matos (2012): área I “Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem”, a área II e III “Participação na escola e Relações com a Comunidade”, terminando na área IV “Desenvolvimento Profissional”. A construção deste capítulo basear-se-á muito no diário de bordo construído ao longo de todo o EP.

Por fim, o quinto e último capítulo, intitula-se de “conclusões e perspectivas para o futuro”, sendo que o propósito é dar a conhecer quais os principais ensinamentos que retiro de todo este processo, e expor de que forma poderão ser importantes no futuro da minha vida profissional.

Tal como referido no diário de bordo no dia 3 de setembro de 2012, *“Como estudante sinto que este é o dia que marca o princípio do fim de um trajeto que tenho vindo a percorrer há já 4 anos. Contudo, o sentimento que mais me invadiu foi o de que este era o real princípio da atividade docente.”*.





## **2. DIMENSÃO PESSOAL**



## 2.1. Reflexão autobiográfica

Para perceber todo o percurso e formação que tem como objetivo a habilitação para ser professor de educação física, é importante começar por perceber quem sou eu e as ligações que tenho ao desporto, que fizeram com que eu esteja a terminar este 2º ciclo.

O meu nome é Tiago Ferreira, nasci no primeiro ano da década de 90 em Miragaia-Porto. A primeira década da minha vida foi passada na Maia e, desde então, moro em Santo Tirso.

Tendo a cidade da Maia uma cultura desportiva grande, desde muito cedo, tive acesso à prática desportiva. Tal como refere Aguiar (2002) citado por Queirós (2003), o desporto tem vindo a assumir um papel muito relevante na sociedade e dessa forma, as instituições competentes, entre outras as de poder político, devem proporcionar condições à sociedade em geral, sendo que, o poder local acaba por ter um papel fulcral pois como aparelho do estado, deverão satisfazer as necessidades da sua população.

De entre as diversas modalidades desportivas, pratiquei natação dos 3 aos 20 anos sendo não federado até aos 15 e dos 15 aos 20 federado na Federação Portuguesa de Natação. A segunda modalidade que pratiquei foi karaté dos 6 aos 16 anos sempre como não federado.

Chegado a Santo Tirso optei por tentar manter essa ligação. Fui colocado numa turma de escola onde tinha vários colegas federados em natação. Quando eu soube disso, tentei logo ter mais informações relativas aos treinos, competições e tudo o que envolvia um clube federado. Visto haver treinos diários seria difícil convencer os meus pais a deixarem-me ir, porém, no final do meu 9º ano fui autorizado a frequentar a última semana dos treinos da equipa. O gosto que senti foi tal que, na época seguinte frequentei todos os treinos e passei a ser um atleta da equipa.

Penso que esta minha experiência me fez despertar para o gosto que eu tinha pelo desporto em geral e a possibilidade de vir a criar uma carreira de alguma forma ligado ao mundo do desporto.

Sempre que me perguntavam, até ao 12º ano, o que eu gostaria de ser a resposta era sempre a mesma, “Profissões ligadas à saúde tenho a certeza que

não!”, sabia o que não queria mas o que queria ainda era difuso, de entre os “gostos” que então tinha como animais, plantas e acima de tudo o desporto.

Quando, no 12º ano, tive que pensar de forma concreta acerca das áreas que me interessavam, soube da necessidade de fazer os pré-requisitos para entrar na Faculdade de Desporto e assim inscrevi-me para os realizar. Esta situação para muitas pessoas poderia ser encarada como uma dificuldade, porém, para mim foi a renovação de um prazer, o treino, necessário para a minha preparação do pré-requisitos. Após a inscrição tornou-se óbvio que teria de começar a treinar diariamente para conseguir alcançar algumas das marcas necessárias para entrar na faculdade. Foi a partir desse momento que defini com certeza o curso que gostaria de tirar. Treinar durante a tarde para os pré-requisitos e à noite ainda ter o treino da piscina, fazia com que, ao fim do dia, me sentisse com a sensação bem estar físico e de dever cumprido. Nesta altura, ainda não existia de maneira nenhuma uma consciência da profissão pedagógica, porém, o desporto proporcionava muito prazer pessoal.

O ambiente geral da faculdade, vivido durante os pré-requisitos, reforçou ainda mais a vontade de conseguir entrar no curso de Ciências do Desporto. Porém, hoje posso dizer que no dia que entreguei a candidatura para o ensino superior a certeza era tal que só conseguia pensar que tinha chegado o dia.

A escolha da universidade que gostaria de frequentar não foi de todo difícil. A boa reputação da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto precede-a e, logo aí, tornou-se a minha primeira opção. Visto que a faculdade era a mais perto de casa e de fácil acesso não hesitei ao preencher o boletim de candidatura. Embora a minha certeza de querer seguir para desporto fosse tal, apenas me candidatei para esta faculdade de desporto, sendo que a minha média de ingresso me permitiria ter quase a certeza que eu entrava. As outras opções foram apenas para não deixar o boletim com uma opção em aberto.

Com o terminar da licenciatura, e visto possuir um conhecimento mais profundo das áreas estudadas do desporto, o gosto pelo desporto tinha aumentado, e isto, colocou outra questão. Desta feita, senti a necessidade prosseguir os estudos visto sentir necessidade de prosseguir na minha

formação superior e também tendo em conta a situação atual do país e em que existe falta de emprego para jovens licenciados.

A opção do ensino foi rápida. O meu gosto pelo desporto já era grande e com a licenciatura apareceu o gosto pelo desporto adaptado. Sendo assim, a minha preocupação prioritária foi perceber quais as opções que eu teria para conseguir entrar no sistema educativo, para trabalhar com pessoas com deficiência. Perante a necessidade de ser professor de alguma disciplina para que pudesse estar habilitado a dar aulas de orientação e mobilidade a escolha não foi difícil. Assim, o meu foco dirigiu-se rapidamente para o mestrado de ensino em educação física. Ser professor de educação física permitia estar em contacto com duas áreas que eu tinha grande gosto: o desporto e possibilidade de ser professor do ensino especial.

No primeiro ano do mestrado em ensino, acabou por ter uma formação mais detalhada de alguns temas que foram abordados no decorrer da licenciatura. Esta foi o ano que serviu para reavivar conhecimento que acaba por ser fundamental para a prática pedagógica.

No decorrer deste ano de estágio, tenho-me vindo a aperceber de que o interesse em ser professor de Educação Física é tanto como o de exercer Orientação e Mobilidade. Atualmente tenho a noção, devido ao presente estágio, da amplitude da responsabilidade que o professor tem com os seus alunos.

Cada aluno que se encontra à minha frente, está a desenvolver a sua personalidade e eu estou a contribuir ativamente para que isso aconteça. Para reforçar a compreensão do papel de educador, tem uma função fundamental na sociedade. É uma certeza pessoal que tenho a responsabilidade de formar pessoas para que se consigam desenvolver e tornarem-se ativas da sociedade. Embora, o gosto pela ideia inicial não se tenha desvanecido, o presente estágio tem criado em mim um interesse particular na docência da educação física. Descobri na prática, o potencial da educação física para formar pessoas como um todo ao contrário da orientação e mobilidade que tem um fim muito específico.

A escolha da escola para estagiar não foi de todo complicada. A primeira opção seria a escola onde eu já fui aluno. Pensei que seria importante para mim, e ao mesmo tempo muito desafiante, passar do papel de aluno para o de estudante-estagiário, sendo papeis muito diferentes.

A vivência que tive como aluno, veio a revelar-se extremamente diferente da vivida como estagiário para professor. A ideia que tinha da escola, acabou, inevitavelmente por se alterar.

Será importante referir que o facto de o EP se ter realizado na escola de grande parte da minha formação, acabou por fazer-me sentir, numa fase inicial, protegido, pois acabo por ser um elemento que já pertenci à casa. Porém, esta situação permitiu-me verificar a mudança da minha percepção da escola como aluno e agora como estudante-estagiário. É interessante, contactar com alunos que estão no meu papel de à uns anos, e ao mesmo tempo constatar a diferença de mentalidade que se verificou ao longo do tempo.

Pessoalmente, um dos meus maiores receios na fase inicial do EP, prendia-se com a minha capacidade de conseguir alterar as minhas pré-concepções. Não queria de forma nenhuma defraudar a dinâmica que está implícita ao grupo de educação física da escola, e visto já ter conhecimento, em parte, dessa dinâmica, podia sentir-me obrigado a agir como forma de agradar ao grupo, sendo que esta situação não permitiria alterar as minhas pré-concepções. Porém, com o desenrolar do estágio profissional, consegui constatar que em situações de grande pressão, não a senti, e assim, consegui experienciar as situações como sendo um docente que não conhecia a escola previamente.

É interessante verificar a diferença enquanto aluno da ESDD, e enquanto professor estagiário.

É interessante verificar que, embora a nível físico a escola se tenha alterado, os valores continuam iguais. A escola continua a primar pela disciplina, exigência e rigor, algo que é transversal a todos os intervenientes no processo educativo, quer se seja aluno ou professor.

## **2.2. Expectativas relativamente ao estágio profissional**

Um dos momentos fundamentais na formação de um docente é o ano de exercício docente de forma orientada. Nóvoa (2009), refere que nos anos em que se faz a transição de aluno para professor, é fundamental que exista uma consolidação da formação inicial, que tenha por referência o acompanhamento, a formação na prática, análise de práticas e conjunto de esforços para a integração na cultura profissional docente. Também, Siedentop (1991), afirma que no ano de introdução à prática profissional, é muito importante um acompanhamento de professores mais experientes para aconselhar e ajudar na gestão e na resolução de problemas de disciplina dos alunos.

No início do ano, parti com uma ideia pré-concebida, descrita mais à frente, do que seria o ano de estágio e de todos os intervenientes que irão contribuir para o culminar de uma formação que fará de mim um docente do grupo de recrutamento 620. Como refere Braga (2001), existe um vasto leque de estudos que prova a existência de características peculiares na iniciação à prática profissional, que acabam por fazer com que o estagiário necessite de um acompanhamento específico. Na atual conjuntura do segundo ciclo de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, as principais expectativas por mim criadas relativamente à formação, acabaram por ser a escola onde fiquei colocado, a turma pela qual fiquei responsável, os colegas do núcleo de estágio, o professor cooperante, o professor orientador, e ainda relativamente ao ano de estágio em si.

A escola deve ser vista como parte integrante da formação de um professor. Nóvoa (2009) refere que existem dois aspetos que acabam por ser fundamentais na formação de um professor. Numa fase inicial, a escola não deve ser esquecida como lugar de formação de um professor. Relativamente a este aspeto, é fundamental que exista uma vivência e troca de informação relativamente às práticas enquanto atuação fundamental do profissional docente para que o aluno/estagiário tenha um desenvolvimento mais abrangente da sua atuação. Um segundo aspeto salientado pelo autor é a existência de um trabalho em conjunto com os diversos docentes para dar

resposta à necessidade de construção de uma personalidade ética, fundamental para um docente.

Também Simões (1996), afirma que o estágio é um período da carreira, onde poucos períodos podem comparar-se a esta importância, sendo que é um período da vida pessoal e profissional único.

Leite (2005), afirma que a formação inicial, à semelhança da formação contínua, têm que ter consequências ao nível da construção de novos profissionalismos e de novas profissões, permitindo desta forma, que os professores desenvolvam competências que permitam lidar com as situações de mudanças sociais.

Carreiro da Costa (2007), afirma que a formação inicial não é o terminal da formação de um docente. Porém, este é algo que deve proporcionar ao futuro professor conhecimentos e as experiências capazes de torna-los capazes de se desenvolverem ao longo da sua carreira, construindo competências de adaptação e de desenvolvimento profissional.

Relativamente à Escola Secundária D. Dinis, já a conhecia muito bem como aluno onde passei seis anos da minha vida, porém esse conhecimento teve que ser alterado tendo em conta o facto de o papel que iria agora desenvolver seria também diferente. Pessoalmente, posso afirmar que o facto de la ter sido aluno, não perturbou de forma alguma o conhecimento que tive que adquirir agora noutra registo. Tendo a escola sido alvo de uma intervenção de raiz para mudar os espaços físicos, acaba por ser interessante verificar algumas das mudanças que existiram. No que toca às instalações desportivas, a escola está muito melhor equipada, o que resulta na possibilidade de criar um melhor ambiente de aprendizagem para os alunos. Relativamente aos professores da escola, numa fase inicial estava a ser visto como um ex-aluno, mas tal imagem foi-se desvanecendo e no final do estágio, não existem dúvidas que todos me começaram a ver como o professor estagiário Tiago Ferreira. O respeito que existiu foi mútuo, o que facilitou a integração e aumentou a vontade de me envolver mais nas atividades da escola.

Após o primeiro contacto com a turma, a minha motivação ficou ainda mais elevada uma vez que se tratava de uma turma excepcional, relativamente



ao comportamento, onde pareceu que não fosse existir problemas de maior. Por outro lado, a turma aparentava possuir um reportório motor elevado, criando assim uma motivação adicional em mim para conseguir manter a exigência em todas as aulas.

Era uma turma muito capaz e empenhada, as expectativas para conseguir desenvolver um trabalho de excelência com eles foram grandes, potenciadas ainda pela atitude dos alunos face às aulas de educação física, pois esta contribui para um melhor ambiente de aprendizagem. O número de alunos era elevado (28), havendo uma discrepância elevada de alunos do sexo masculino (18) e alunos do sexo feminino (10).

As informações que o professor cooperante me tinha transmitido previamente prendiam-se essencialmente com a existência de alguns alunos que tinham problemas relativamente à capacidade para a execução de habilidades. Contudo, embora alguns dos alunos não tivessem sido seus alunos, o nível geral da turma era médio/elevado o que fez com que eu perspetivasse a possibilidade de vir a desenvolver um bom trabalho com eles.

Os colegas de estágio acabam por ser mais uma variável que interfere na formação do estudante-estagiário. Um dos pontos que foi referido na seção de abertura do EP, foi a importância da existência de um trabalho em equipa e das estratégias que foram criadas para que os estudantes de cada núcleo trabalhassem em equipa.

A minha relação com as minhas colegas de estágio, já vinha desde a licenciatura, e com uma das colegas já desde o secundário. Este conhecimento com alguns anos permitiu que conhecesse não só as formas de trabalho de cada uma mas também de que forma nos poderíamos ajudar mutuamente, sendo esta uma atitude fundamental para uma boa coesão de grupo. As minhas expectativas relativamente a elas eram as melhores pois todas têm uma modalidade desportiva de formação diferente da minha, o que permitiu uma troca alargada de ideias, e ajudou a colmatar falhas e dúvidas que tínhamos no conhecimento da matéria de ensino em que individualmente estamos menos à vontade do que os outros.

Relativamente ao professor cooperante, na minha perspetiva, este acabou por ser um pilar fundamental na minha formação e transição de aluno para professor. Sendo um professor já com muitos anos de experiência no ensino, certamente foi uma mais-valia para a minha formação. Este professor, acaba por também influenciar a formação. Como docente, este tem as suas conceções de educação, acabando por tentar passa-las para mim, como futuro docente. Este tem a responsabilidade de transmissão de conhecimento prático para o estudante-estagiário, pois de outra forma este não conseguiria resolver o devido ao elevado número de situações a que este é exposto logo no início do EP. Foram muitas as dúvidas que surgiram ao longo do ano de estágio e o professor fez-me pensar de uma forma mais adequada à realidade que por vezes, devido à pouca experiência, pensamos que não é a que estamos a vivenciar.

Tal como constata Braga (2001), as diferenças entre os professores principiantes e os experientes, baseiam-se essencialmente no nível de conhecimento prático de cada um. Assim, e tendo em conta a vasta experiência na docência, o professor cooperante acaba por ser um profissional que poderá transmitir algum desse conhecimento permitindo que o meu estágio seja ainda mais enriquecedor para o professor que pretendo vir a ser.

No que diz respeito à professora orientadora da FADE-UP, foi quem possibilitou a melhor forma de dar uma visão pedagógica às experiências com que fui confrontado no EP. Esta é uma função que acaba por ser fundamental para o estudante-estagiário pois é importante referir que ele ainda se encontra em formação. Desta forma, o conhecimento que a professora orientadora possuía, acabou por ser sem dúvida muito enriquecedora para o meu EP, pois foram inúmeros os temas que foram abordados tornando-me assim um futuro docente mais culto, capaz de enquadrar a prática num universo de conhecimento mais alargado que a própria prática.

Por último, mas não menos importante, as minhas expectativas relativamente ao estágio profissional, como não poderia deixar de ser, sem dúvida, muitas e ao mesmo tempo muito esperançosas. Tal como escrito no documento “Normas Orientadoras do Estágio Profissional”, Matos (2011), “O

Estágio Profissional visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.”. Desta forma, penso que este estágio cumpriu a função formativa que estava em falta na minha formação como futuro profissional docente de educação física. Esta fase da formação de um estudante, acaba por ser fundamental para que o mesmo consiga por em prática todo o conhecimento que foi adquirido. Pessoalmente, sinto que este ainda é o início de um caminho, pois, não foi no presente ano de EP que consegui adquirir o conhecimento completo relativamente a todo este processo. Penso que uma das premissas que consegui aprender ao longo de todo o EP é a importância de existir uma formação contínua, pois só desta forma será possível atingir um nível de excelência profissional.

A função deste estágio visa fazer a ponte entre o conhecimento empírico que nos é ensinado na sala de aula e o conhecimento que é adquirido através da prática. Sem estas duas componentes de formação, o estudante, futuro professor sairia com uma formação incompleta, que poderia resultar na dificuldade de adaptação às exigências da profissão docente.

Para que exista a aplicação do conhecimento empírico adquirido anteriormente é necessário que eu tenha em conta a realidade da escola e dos alunos assim como de todos os agentes escolares.

As minhas expectativas relativamente ao estágio profissional eram de vivenciar o máximo de situações para conseguir alcançar as competências para ser um docente profissional de educação física. Consegui também alcançar outras competências como por exemplo a nível administrativo pois a vida de professor não se restringe apenas a dar aulas de educação física (função letiva), mas sim a desenvolver outras atividades como é o caso da direção de turma (função de gestão) e do desporto escolar (função letiva mas num processo de treino).

Penso que este será um passo importante na minha formação inicial, para conseguir alcançar o objetivo final que é ser um bom profissional docente.



### **3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



Um dos documentos que norteia o 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto são as Normas orientadoras. Este documento tem como fundamento as orientações legais que se podem constatar no Decreto-lei nº74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro.

Apesar dos constrangimentos de funcionamento do EP, permanece um modelo de estágio que permite aos estudantes-estagiários estarem ligados a uma turma, durante o ano letivo completo.

Este EP tem como funções principais o desenvolvimento de competências pedagógicas, didáticas e científicas, sempre associadas ao desempenho profissional crítico e reflexivo, sempre apoiado na dimensão ética do professor. O EP prevê ainda um conjunto de competências que é necessário desenvolver sistematicamente, relacionadas com valores, a motivação e uma atitude positiva face à profissão.

O EP é um projeto de formação do estudante onde se verifica a integração do conhecimento adquirido e a sua interpretação no contexto escolar concreto. Este funciona como processo de iniciação do professor profissional, que visa a promoção de um ensino de qualidade.

Assim, podemos afirmar que o principal objetivo do presente EP é a integração orientada e progressiva do estudante-estagiário na vida profissional do docente, em contexto real. O futuro docente deverá ter um desempenho crítico e reflexivo das suas atitudes, sendo que, no final, deverá ser capaz de responder aos desafios e exigências inerentes à profissão de docente.

O EP é uma unidade curricular que está inserida no terceiro e quarto semestres do segundo ciclo de estudos conducentes ao grau de Mestre em educação física.

As atividades que o estudante-estagiário deverá desenvolver ao longo do EP prendem-se essencialmente com a prática do ensino supervisionada e a observação e colaboração em situações de educação e ensino, nas áreas de desempenho no processo de ensino aprendizagem, participar nas atividades letivas e não letivas que a escola julgue pertinente realizar, assim como

relacionar-se com o meio. Assim, o estudante estagiário acaba por ser responsável por todas as atividades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem de uma turma, sempre sendo supervisionado pelo professor cooperante da escola e o professor orientador da FADEUP.

### **3.1. Caracterização da minha escola-Escola Secundária D. Dinis**

Para melhor perceber este enquadramento, é necessário interiorizar o que é a escola enquanto instituição. Recorrendo ao dicionário de língua portuguesa, a escola é o estabelecimento de ensino, constituída por um conjunto formado pelo professor e pelos seus discípulos.

A escola é uma instituição com uma organização própria que tem as suas especificidades, o que a torna diferente das restantes organizações. Elias (2008) afirma que esta é uma instituição onde se verifica uma realidade complexa e multifacetada.

As instituições escolares são um produto social e, segundo Lorenzo (1994), citado por Gairín (1996), que por sua vez é citado por Torres (2008), estas são consideradas como resultado de processos históricos complexos e nunca neutros, já que beneficiaram sempre uns em detrimento de outros, logo, uma construção social. É uma organização pensada e construída por grupos sociais dominantes em determinados momentos, ou mesmo, um espaço que cumpre muitas funções patentes ou explícitas (educar, socializar, entre outras) e outras ocultas (reprodução de classes sociais ou cominação cultural das classes dominantes).

Torres (2008), já vê a escola como um entreposto cultural, onde se verifica um cruzamento de culturas, de metamorfoses quotidianas de poder e de conflito, de relações diferenciadas entre atores escolares e educativos. A realidade escolar é construída pela sociedade que a ela lhe pertence, logo, em permanente estado de reconfiguração cultural. A escola é considerada uma organização social, inserida e articulada com o contexto local e singular, com identidade e cultura própria, produzindo modos de funcionamento e resultados educativos muito diferenciados. Assim sendo, a ação e a interação dos diferentes atores sociais presentes na escola, são os elementos fundamentais



para a configuração e funcionamento do estabelecimento de ensino e desta forma este emergir como uma construção social.

A escola onde realizai o EP foi a Escola Secundária D. Dinis, Santo Tirso, escola onde eu já fui aluno. Parte da minha motivação estava inerente a esse fator pois é diferente viver a escola como aluno ou como professor.

A Escola Secundária D. Dinis, Santo Tirso, está intimamente ligada ao percurso do ensino secundário/liceal da cidade de Santo Tirso. A sua data de origem é 11 de janeiro de 1932, sob o nome Liceu Municipal Agrícola. Com o passar dos anos o nome foi alterado inúmeras vezes até que a 14 de outubro de 1983 a Escola Secundária D. Dinis muda para as novas instalações na Rua da Misericórdia na cidade de Santo Tirso e aí permanece até à atualidade.

Neste momento, a escola está a ser alvo de requalificação dos edifícios no âmbito do projeto de intervenção da empresa Parque Escolar. Até ao momento a intervenção que tem sido feita tem sido uma mais-valia, pode-se constatar a recuperação do pavilhão desportivo, construiu-se um novo ginásio e laboratórios, um pavilhão na sua totalidade, onde tem salas muito mais equipadas e com um ambiente muito mais acolhedor para os alunos. Prevê-se ainda que as obras irão dotar a escola de uma nova biblioteca, um auditório, uma sala de expressão dramática, uma cozinha pedagógica, novas salas de artes e de informática e uma sala de espetáculos/espço polivalente, com palco e camarins. É, portanto, possível verificar uma melhoria significativa das condições físicas, dos equipamentos e, conseqüentemente, prevê-se que resultará no aumento do nível de satisfação da comunidade escolar.

A área de influência da Escola Secundária D. Dinis é fundamentalmente formada pelas 24 freguesias do concelho de Santo Tirso onde exerce a sua intervenção relativamente aos alunos que a frequentam. A escola tem uma capacidade de atração principalmente pela melhoria da qualidade e da especificidade da sua oferta.

Relativamente à oferta, a escola tem para a comunidade as seguintes opções:

- 3º ciclo do ensino básico;

- No Ensino secundário os alunos podem escolher as seguintes opções:
  - Nos cursos Científico-humanísticos: Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Artes visuais;
  - Nos cursos Profissionais: Técnico de Análise Laboratorial, Técnico de Design, Técnico de Informática e Gestão, Técnico de Restauração e Técnico de Apoio à Gestão Desportiva.
- Os alunos têm ainda atividades complementares como as aulas de preparação para os exames nacionais, o gabinete de apoio ao aluno, Desporto Escolar (Andebol, Futsal, Ginástica e Natação), Eco-escolas, Clube de Meditação e Clube de Autores.

Assim, e tendo por base a oferta apresentada anteriormente, a escola definiu no seu projeto educativo como principais objetivos o prosseguimento de estudos por parte de um crescente número de alunos, que continuem o seu percurso académico no ensino superior, a aposta na qualidade da via profissionalizante e inserção dos seus alunos no mercado de trabalho, assim como imbuir, desde o ano de entrada dos alunos na ESDD, os alunos no rigor, disciplina e trabalho característico da escola, dar condições aos alunos para que o tempo passado dentro e fora da sala de aula seja um tempo de qualidade. Pretende que os objetivos anteriormente referidos se concretizem sem existir abandono escolar em todos os anos de escolaridade e, por fim garantir que esta escola se estabelece como um estabelecimento de referência da sua área de inserção (o vale do Ave).

Relativamente à disciplina de educação física, um dos principais aspetos a salientar serão as instalações desportivas e todos os espaços que poderão ser aproveitados para prática de atividade.

Relativamente às instalações desportivas, a escola possui, de momento, dois espaços cobertos destinados às aulas de Educação Física: um pavilhão polidesportivo que se poderá dividir em três espaços (E1, E2 e E3) para aulas e um pavilhão de ginástica. Tem ainda um campo de voleibol no exterior mas não é muito aconselhada a sua utilização visto que o campo é delimitado com

paralelos e o risco de lesão associado à prática de voleibol nesse campo poderá ser muito elevado. No futuro, existirá ainda um campo no exterior e uma zona de lançamentos mas apenas quando as obras da parque escolar terminarem a sua intervenção. Existirá também uma sala de aula para a educação física mas de momento esse espaço está a ser utilizado como a sala de professores visto que o local da sala de professores está a ser intervencionado.

Outro aspeto fundamental para os alunos que realizam as aulas de educação física são os balneários. Os balneários fazem parte do bloco onde está o pavilhão polidesportivo e o pavilhão de ginástica. Esta opção beneficia muito os alunos pois em dias que as condições climatéricas são adversas os alunos estão sempre abrigados.

Por fim, será ainda importante referir que a escola tem um protocolo com um clube que se situa na mesma rua, o Ginásio Clube de Santo Tirso, sendo que em algumas aulas é permitida a ocupação do pavilhão do referido clube e noutras situações da piscina.

Tendo em conta o espaço físico disponível para as aulas de educação física referido anteriormente e os Programas Nacionais de Educação Física, a escola define quais as matérias a lecionar em cada um dos anos letivos. Posteriormente, cada professor decide qual a organização que irá tomar no seu ensino dos conteúdos ao longo do ano letivo, nunca esquecendo o *roulement* que é disponibilizado todos os períodos sobre a rotação das turmas que se encontram em aula pelos espaços.

Porém, nem tudo o que parece fantástico à primeira vista o é quando a utilização se torna sistemática. Os espaços apresentam boas condições também em parte pelo facto de serem extremamente recentes. Contudo, ainda existem algumas limitações como no caso do pavilhão polidesportivo que acumula muito pó no chão, tornando-se um pouco escorregadio. Esta característica menos favorável deve-se ao facto de existirem aberturas nos topos laterais. Essas aberturas criam também muito desconforto no inverno. Quando se encontram temperaturas muito próximas de zero no exterior, dentro do pavilhão sente-se muito frio, para os professores é uma situação

extremamente desconfortável, mas para os alunos também pois bastava pararem um pouco a atividade física e o corpo arrefecia muito. Esta situação exigiu em muitas das aulas que eram no período do meio da manhã um aquecimento bem intenso para se conseguir realizar uma boa ativação dos alunos para a aula, o que não aconteceria se a circulação de ar fosse mecânica.

Já no pavilhão de ginástica, estavam em falta os negativos para a fixação de alguns aparelhos, como a barra fixa ou as paralelas assimétricas. Contudo, esse problema foi resolvido durante o ano letivo, o que permitiu a utilização desses aparelhos. Esta foi uma das *nuances* que influenciaram as aulas no primeiro período e a forma de abordar as modalidades, sendo que foi indispensável tê-las em conta no momento do planeamento.

Por diversas situações, existiam 4 turmas distribuídas pelos 4 espaços da escola. Quando se verificava essa ocupação, três das turmas teriam apenas um terço do pavilhão. Com turmas de 28 alunos, e com apenas um espaço do pavilhão polidesportivo, não era possível realizar uma abordagem das modalidades em toda a sua abrangência. Nestas situações foi então necessário criar estratégias e planejar de forma a adaptarmo-nos à situação e proporcionar um excelente ambiente de ensino para os alunos.

Outro dos fatores que condicionam a aula de educação física são os materiais disponíveis. Relativamente a este ponto, a ESDD está extremamente bem equipada. A nível de material didático para as modalidades coletivas fundamentais no programa do 3º ciclo do ensino básico a escola tem número de bolas suficiente para uma turma com um elevado número de alunos. Um dos pontos a favor da escola é o material que a escola tem para o trabalho da condição física. A escola tem um leque enorme de matérias como bosus, bolas de fitball, kettlebell, TRX, entre outros materiais que, quando acompanhados de um planeamento adequado e sistemático, permite que os alunos desenvolvam a sua condição física de uma forma mais apelativa. No que concerne à ginástica, o pavilhão está igualmente bem equipado, com colchões que permitem realizar ginástica de solo e acrobática em muito bom estado pois foram adquiridos durante o ano letivo, colchões de queda e os aparelhos todos

que fazem parte do programa de ensino do 3º ciclo. Apenas importa salientar que poderia haver a existência de alguns materiais como é o caso de planos inclinados que permitiria de uma forma mais fácil a criação de situação de aprendizagem que poderiam culminar em êxito para os alunos em algumas habilidades a serem ensinadas.

Penso que o poder adaptativo e de inovação pela minha parte teve que ser amplamente exercitado para combater as contrariedades anteriormente referidas e conseguir no final atingir os objetivos. Num professor estagiário, esta capacidade surge com o passar do tempo e com a vivência das situações e não de forma espontânea, exigindo assim um grande planeamento prévio, condição essencial para a profissão de docente. O facto de o professor ser reflexivo, permite-lhe avaliar e melhorar a prática ao longo dos anos, para que a experiência e a competência cresçam mutuamente e se traduzam num professor mais eficaz.

### **3.2. Caracterização do Corpo Docente de Educação Física**

No presente ano letivo, o grupo de educação física é constituído por onze professores sendo que sete são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Apenas dois professores são novos na escola, todos os restantes já permanecem na escola há mais de dois anos letivos.

Os seis estudantes estagiários inseriram-se neste grupo e foi na maior parte com estes professores que interagiram.

### **3.3. Caracterização da “*minha*” turma - 9ºA**

Um dos aspetos fundamentais para o EP é a turma pela qual tivemos a responsabilidade durante todo o ano letivo. Assim, seguem-se as informações que foram recolhidas durante o ano letivo com principal foco na análise das fichas preenchidas pelos alunos no dia 19 de setembro de 2012, dia da aula de apresentação.

A turma do 9ºA da ESDD no ano letivo do ano letivo 2012/2013 acabou o ano letivo com 28 alunos. Um dos alunos nunca chegou a frequentar as aulas

de educação física e no início do segundo período ingressaram na turma dois alunos novos.

Assim, a turma era constituída por 18 alunos do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, sendo que a média de idades se situava nos 14,3 anos. Com esta média de alunos é possível verificar que uma grande percentagem estava a frequentar pela primeira vez o presente ano de escolaridade.

No geral a turma tinha um reportório motor extraordinário. Foi possível, durante o ano letivo, em algumas modalidades, ir além do que o programa de ensino estabelecia para o presente ano de ensino. O reportório motor que os alunos apresentavam era elevado o que fez com que, por diversas vezes, atingissem os objetivos que eram propostos com muita facilidade. Estas situações não se constataram apenas a nível técnico mas também a nível tático nas modalidades coletivas que foram abordadas.

É importante referir que existiu também um grupo de alunos, mesmo que reduzido, que demonstrava sérias dificuldades em realizar as habilidades físicas que lhes eram propostas, devido à ausência de capacidade e falta de condição física para o fazer. Relativamente a estes alunos, a minha opção foi realizar um acompanhamento personalizado e fazer com que esses alunos fossem atingindo metas adequadas à sua condição. À medida que esses alunos iam alcançando esses objetivos, estes eram reformulados e era aumentado o grau de complexidade. Embora no final do ano letivo estes tenham tido uma evolução inferior à dos restantes alunos, penso que o facto de ser possível constatar uma evolução como a aquisição de algumas habilidades motoras até então não dominadas deixa-me com a sensação em parte de dever cumprido.

Uma das situações que foi característica pela parte de alguns alunos foi o atraso constante para as aulas. Esta é uma situação que prejudica muito o desenrolar normal de uma aula. Chegavam sempre quando a restante turma já estava em plena atividade. A primeira opção foi a de marcar falta de atraso. Como essa opção não estava a surtir efeito, foi acrescentada uma segunda opção. Os últimos alunos a chegar à aula eram colocados a realizar as tarefas

que eram de menos interesse para os restantes alunos, como por exemplo arrumar o material. Com esta opção os alunos começaram a chegar à aula e a justificar os seus atrasos, o que para mim já foi uma melhoria na sua atitude. Por fim, os alunos com o passar do tempo foram chegando a horas. Penso que esta atitude se deve ao facto de serem constantemente advertidos e as faltas de atraso levarem a que os pais tivessem conhecimento.

Na turma, existia um aluno que estava a frequentar o nono ano de escolaridade pela terceira vez. Este foi um aluno excepcional a nível motor durante todo o ano letivo. Contudo, o aluno era extremamente mal-educado e o comportamento não era de todo o adequado ao decorrer da aula. Este aluno despertou o meu interesse pois estava deslocado da turma a nível motor, tendo as suas capacidades físicas bem mais desenvolvidas, embora estivesse extremamente bem integrado relativamente aos aspetos psicossociais. Este aluno, no início do ano letivo, tinha atitudes nas aulas onde estava claramente a desafiar o professor com o não cumprimento das orientações por mim fornecidas. Estava constantemente a interromper as atividades que os colegas estavam a realizar, mas sempre apenas com o objetivo de os perturbar. Ao longo do primeiro período fui tomando atitudes de forma a corrigir este comportamento. De entre as várias atitudes saliento o facto de ter imensas conversas com o aluno em causa tentando explicar que a atitude dele teria que mudar para conseguir ter a nota correspondente às suas capacidades. É interessante agora no final do ano verificar como a atuação do aluno foi mudando. No início não se interessava pelo professor nem no início nem no fim da aula, sendo que, no final do ano letivo, antes de iniciar a aula cumprimentava-me e antes de ir embora fazia-o igualmente. Esta é uma atitude que demonstra um crescente grau de humildade por parte do aluno, o que revela que consegui pelo menos nas aulas de educação física mudar a sua atitude. Outras das situações interessantes de verificar, foi na abordagem da modalidade de andebol. O aluno dominava essa modalidade. Esta foi abordada no segundo período. Visto a experiência do primeiro período, optei por ter uma conversa particular com o aluno e tentar fazer vê-lo que as suas funções nestas aulas eram de ajudar os colegas. Foi interessante constatar que por

diversas vezes, ele corrigiu as posições dos colegas no espaço, mas também dava algumas determinantes técnicas para a execução de algumas habilidades técnicas aos colegas. Por diversas vezes, o aluno em situação de jogo não realizava as melhores opções como por exemplo passar mais aos colegas em vez de rematar tanto à baliza, porém, penso que o que fez, foi superior ao que era esperado numa fase inicial do ano letivo.

Por fim, durante o preenchimento das fichas, pedi aos alunos que preenchessem no espaço para as observações a nota que gostariam de ter no final do ano letivo. Foi interessante verificar que 19 dos 26 alunos no início do ano letivo, previam no final do ano letivo terminar com uma nota do nível 4 ou superior. Isto é demonstrativo da motivação que estes tinham para as aulas de educação física, e as expectativas que tinham das mesmas. Contudo, esse valor foi alcançado pois dos 28 alunos no final do ano letivo 20 tiveram nota de nível 4 ou superior.



#### **4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



O EP por mim realizado, é um processo transformativo do estudante-estagiário e o adapta à atualidade do ensino, principalmente no ensino da educação física.

No decorrer do EP, existiram inúmeras oportunidade de reflexão sendo que estas foram fundamentais para que o processo de ação-reflexão-ação fosse muito mais otimizado e surtisse efeito o mais rapidamente possível.

Assim, neste capítulo, são apresentadas, de uma forma progressiva, as principais tarefas que realizei no decorrer do EP, sendo que estas tarefas incorporam na medida do possível, os principais desafios da profissão do professor.

Este capítulo está dividido em três grandes áreas sendo elas:

-Área I referindo-se à organização e gestão do ensino aprendizagem;

-Área II referente à participação na escola e relações com a comunidade;

-Área III tendo como mote o Desenvolvimento Profissional.

A reflexão agora apresentada tem como apoio os documentos que fui produzindo ao longo do ano letivo e que genericamente correspondem à reflexão da ação, razão pela qual por diversas vezes referencio o diário de bordo, produto das reflexões de aula, reflexões de reuniões, que por mim foi construído no decorrer do EP.

#### **4.1. Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem**

##### **4.1.1. Necessidade da concepção**

“Dar aulas”, não é um ato desgarrado. Para que esse ato seja o mais próximo da realidade possível, é fundamental que o estudante-estagiário traga à consciência o entendimento que subjaz às tomadas de decisão, nos vários níveis em que tem de decidir na sua função letiva.

Desta forma, nas normas orientadoras do EP, Matos (2012) afirma que a concepção que o estudante estagiário deverá fazer prende-se essencialmente com a necessidade de *“projetar a atividade de ensino no quadro de uma concepção pedagógica referenciada às condições gerais e locais da educação,*

*às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da Educação Física no currículo do aluno e às características dos alunos.”.*

Assim, a clarificação de uma forma mais concreta da minha conceção iniciou-se no dia em que conheci o professor cooperante. Visto que ainda não estava familiarizado com este professor, foi necessário dar-me a conhecer como forma de facilitar a relação entre ambos. Devido à importância deste professor no decorrer do EP, com um relevo especial na parte inicial, tive que desde logo, apresentar-me ao máximo para conseguir perceber quais as diferentes ações que teria que realizar imediatamente.

Uma vez que a escola foi intervencionada ao nível das instalações desportivas, a minha primeira ação foi conhecer as mesmas. Desde logo foi-me possível perceber a importância que a escola continuava a dar à educação física. Assim, comecei a perceber o ambiente em que os alunos estavam inseridos e a conceção que a escola possuía.

Foi com o professor cooperante que iniciei a análise de documentos fundamentais do EP, nomeadamente as “Normas orientadoras do estágio profissional” e o “Regulamento da unidade curricular estágio profissional” que enquadram do ponto de vista conceptual e organizativo o EP na FADEUP. Desta primeira ‘leitura’ dos documentos resultou o conhecimento articulado das diferentes tarefas a realizar ao longo do EP.

*“Nesta reunião foram abordados temas aos quais eu não atribuía a sua real importância antes de o orientador os ter exposto. Um desses assuntos é referente às normas orientadoras do estágio profissional. Nesse documento são apontados alguns pontos essenciais que deverão ser tidos em conta no decorrer do ano estágio, nomeadamente as atividades que deverão ser desenvolvidas.” (Reflexão do dia 6 de setembro de 2012)*

Outro passo importante logo no início do ano letivo foi olhar para o modo com a disciplina de educação física está organizada, enquanto disciplina autónoma que contribui de forma decisiva para o cumprimento da missão formativa de Escola. A consulta dos documentos produzidos pelo grupo de

educação física e pelas instâncias organizativas da escola é determinante para a contextualização das tomadas de decisão ao nível do processo ensino-aprendizagem na turma concreta, para alunos concretos.

Para agilizar essa ação, foi essencial consultar os documentos criados pela escola onde é exposta essa informação, sendo eles o projeto educativo da escola, o projeto curricular e o regulamento interno.

O projeto educativo de escola, é um documento aprovado pelo conselho geral, onde se pretende um elemento aglutinador da diversidade e da pluralidade de saberes e competências, sempre orientados e otimizados em função da qualidade de ensino que a comunidade educativa da Escola pretende atingir. Este documento, acabou então por me fazer perceber qual a missão que a escola tinha, quais os principais objetivos da escola e de que forma iria trabalhar para os conseguir alcançar. O conhecimento destes temas, permite ao professor melhorar a sua atuação para que os alunos se sintam mais integrados na escola, sabendo que estão a lutar para alcançar objetivos comuns.

O projeto curricular, foi outro dos documentos fundamentais para a minha atuação como estudante-estagiário. Este documento, especifica, entre outros assuntos, quais as matérias que cada professor deverá lecionar visto que estas são transversais no mesmo ano letivo. Desta forma, todos os docentes, sabem quais as modalidades a ser abordadas. Assim, como não poderia deixar de ser, foi este documento, em consonância com o programa nacional de educação física do 3º ciclo, que originou a distribuição por períodos das matérias e a definição dos conteúdos a ser abordados em cada um deles.

Por fim, o regulamento interno, é um documento que é aprovado no conselho geral da escola. Desta forma tem como principal função a exposição de todas as regras fundamentais para organizar a vida escolar e conseguir que todos os intervenientes da escola tenham uma participação na mesma. Este documento, foi para mim fundamental pois desta forma consegui saber o que podia pedir aos alunos e ao mesmo tempo como reagir em casos que pudessem ser considerados problemáticos. Para conseguir complementar esta informação adquirida, senti necessidade de consultar o estatuto do aluno

(decreto-lei nº 51/2012), visto que o regulamento interno não estava em conformidade com as recentes alterações que tinham sido feitas ao documento.

Este momento acabou por ser fundamental para todo o trabalho que se viria a desenvolver durante o ano letivo. Foi aqui que fiquei a perceber na prática como funciona a escola como instituição e mais particularmente a Escola Secundária D. Dinis. Esta reflexão inicial serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de uma conceção mais profunda de tudo o que envolve o EP.

Como base de um trabalho contextualizado, foram estas as principais ações a ser tomadas para conseguir alcançar todas as necessidades impostas.

A análise desses documentos não foi exclusiva deste período inicial do EP. É importante referir que estes foram consultados ao longo do ano sempre que necessário. Este foi o ponto inicial porém, sempre que necessário, revisitei estes documentos tendo como objetivo a melhoria da minha capacidade de atuação como estudante-estagiário.

*“Um dos aspetos que penso ser importantes nas reuniões é o clima informal das mesmas, o que leva a que os estudantes-estagiários estejam mais predispostos a colocar as dúvidas que têm. Sendo que a análise dos documentos é pormenorizada, surgem novas dúvidas que são pertinentes para uma melhor compreensão.”* (Reflexão do dia 10 de setembro de 2012)

#### **4.1.2. Tenho que planear e agora?**

O planeamento é uma das áreas fundamentais para que exista um processo de ensino-aprendizagem intencional, sistemático e organizado.

Bento (1987), define plano como um modelo racional que o professor utiliza como forma de antever o comportamento desejado.

O processo avaliativo tem finalidades a si inerentes. Entre elas, este permite que o ensino seja orientado, tornando o melhor ensino uma consequência de um planeamento que foi bem adequado à realidade. Assim, Bento (1987), define como funções do planeamento a motivação e estimulação,

orientação e controlo, transmissão de vivências e experiências e, por fim, racionalização da ação.

Sendo esta uma tarefa fundamental para o professor, este deverá ter em atenção os objetivos que foram definidos e realizar um planeamento adequado sempre com o intuito de conseguir alcançar os objetivos previamente definidos.

A planificação é o processo que permite ao professor saber o que vai fazer, quando o vai fazer e como o vai fazer. Desta forma, desde cedo senti a necessidade de realizar o planeamento pois, sem este o ensino seria desorganizado e os alunos não conseguiriam alcançar os objetivos.

Assim, acabou por ser necessária a concretização de algumas decisões, entre as quais os objetivos e as formas utilizadas para os alcançar, para conseguir, tal como refere Bento (1987), “pré-determinar os efeitos a alcançar no ensino e para que são despendidos tempo e energia”.

No EP, esta fase do ensino apareceu logo na primeira reunião de grupo. Visto a escola já ter uma dinâmica de grupo muito acentuada, o planeamento anual é similar para todas as turmas dos diferentes anos de ensino.

É logo nesta fase da aula que o professor deverá estar atento a todas as condicionantes da aula, quer internas quer externas. Assim, e como forma de adaptar o planeamento à realidade, será tratado mais á frente o tema relativamente às condicionantes externas da aula.

### **Planeamento Anual**

No seguimento do que referi anteriormente, o Planeamento Anual, acabou por ser decidido pelo grupo de educação física.

Tal como descrito anteriormente, as modalidades são transversais aos vários anos de escolaridade o que atenua a natural variabilidade inter-professor.

Para a construção deste planeamento é fundamental que os docentes partam do currículo nacional para cada um dos anos e, ao mesmo tempo, da capacidade da escola tendo em conta a sua realidade.

Após a concretização do planeamento anual, foi dado a conhecer o horário de cada uma das turmas e pouco depois o espaço que os professores

teriam atribuído nas instalações. Devido ao elevado número de professores que a escola tem e à necessidade de serem lecionadas aulas em simultâneo, é imperativa a criação de um documento que permita ao professor verificar qual o seu espaço em cada uma das semanas – *roulement*. A existência deste documento, acaba por ser fundamental para esta disciplina pois a necessidade de instalações específicas pode facilitar ou impedir a abordagem de certas matérias.

Após ter em minha posse o *roulement*, rapidamente senti que teria de realizar uma distribuição das matérias, sendo que essa tarefa é da responsabilidade de cada professor que decide em que fase do ano leciona cada uma das modalidades que foi definida pelo grupo. No meu documento, foi necessário distribuir as modalidades pelos dias em que poderiam ser abordadas tendo em conta o espaço, para possibilitar a elaboração dos objetivos a alcançar em cada uma delas. Esta distribuição tem de ser feita de forma cuidada pois, se por norma o problema é o espaço ser reduzido, demasiado espaço também pode apresentar dificuldades para a condução da aula, nomeadamente devido à distância a que os alunos ficam do professor.

“...Essa situação pode ter sido devido ao grande espaço que tinha disponível e à distância que os alunos ficaram do professor.” (Reflexão do dia 12 de Dezembro de 2012)

Visto que o período letivo é muito intenso, para conseguir rapidamente consultar o espaço que teria disponível para a aula, assim como a matéria que iria lecionar, realizei um documento que me permitisse saber de uma forma rápida e intuitiva, toda a informação descrita anteriormente, documento esse que foi chamado de “*distribuição de matérias*”.

Embora este processo da criação do documento de distribuição de matérias possa ser considerado um pouco burocrático, não deve ser encarado como tal pois, com a concretização deste, foi possível ter mais êxito em todas as atividades que são subsequentes a este planeamento.



Neste primeiro nível de planeamento definido por Bento (1987), as tarefas a realizar caracterizam-se pela determinação de objetivos anuais e da distribuição das aulas e matérias, sendo que dela devem fazer parte as datas relevantes para o processo de ensino-aprendizagem, como norma orientadora do professor no tempo. Visto a necessidade de concretização destas tarefas, fi-lo o mais rapidamente possível pois, sem elas, não me sentia capaz para lecionar de forma orientada.

### **Unidade Didática**

Outra necessidade que se relaciona com o planeamento prende-se com as tarefas relativas ao nível II definido por Bento (1987). Neste nível é fundamental que o estudante-estagiário planeie de forma mais detalhada cada uma das matérias a abordar no decorrer de cada uma das modalidades.

Para a concretização deste processo foi dado um enfâse especial ao Modelo de Estrutura de Conhecimento (M.E.C.), servindo para me orientar em cada uma das modalidades que foi abordada. Este modelo, proposto por Vickers (1990), divide-se em três grandes grupos, fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, sendo eles:

-Análise (módulo 1 - A modalidade ou atividade em estruturas do conhecimento, Módulo 2 – Análise do Envolvimento, Módulo 3 – Alunos);

-Decisão (módulo 4 – Determinar a extensão e sequência da matéria, Módulo 5 – Definir objetivos, Módulo 6 – Configuração da avaliação, Módulo 7 – Criar progressões de aprendizagem);

-Aplicação (Módulo 8 – Aplicações).

Este modelo, permite fazer uma boa síntese dos conteúdos a serem abordados à realidade da turma em causa (Anexo 1).

No que toca a este documento, ele acabou por ter uma importância de relevo em todo o M.E.C. É neste documento que o professor consegue colocar de uma forma clara e de fácil interpretação todos os conteúdos que serão abordados em determinada modalidade.

Neste nível, Bento (1987) afirma que é necessário que exista uma sequência lógica e metodológica das matérias, para que seja possível

organizar as atividades do professor e dos alunos, tendo uma regulação e orientação da ação pedagógica em cada uma das aulas, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento dos alunos.

Nas diversas unidades temáticas realizadas no decorrer do EP, está sempre implícita a possibilidade de estas serem alteradas. Este acabou por ser o nível de planeamento que tive de alterar algumas vezes. É a este nível que se realiza o planeamento do que é ensinado e, desta forma, quando o que se verifica na realidade, não vai ao encontro do planeado, exige que sejam efetuadas algumas alterações tendo como principal objetivo adaptar o planeamento à realidade.

### **Plano de aula**

Por fim, o último nível de planeamento, nível III, definido por Bento (1987). Este nível é caracterizado essencialmente pelo plano de aula. Desta forma, aqui deverão ser determinados os objetivos para cada uma das aulas. É aqui que se pensa na estrutura que a aula vai ter, como por exemplo a escolha dos exercícios que permitam atingir os objetivos, a intensidade dos mesmos, o tempo que os alunos terão para exercitar, mas também a organização dos alunos no espaço (Anexo 2).

Este foi o nível do planeamento que me permitiu melhorar mais a destreza do planeamento. No total do EP, foram inúmeros os planos de aula criados e reformulados para conseguir cumprir os objetivos que foram propostos para cada uma das unidades temáticas.

Porém, existe ainda um outro momento em que o plano de aula pode ser alterado, que é no decorrer da sua aplicação. Assim, para conseguir que o plano sofresse o mínimo de alterações já no decorrer da mesma, criei um conjunto de estratégias para que fosse possível ter um domínio máximo de todas as condicionantes da aula.

Para conseguir que o processo ensino-aprendizagem fosse o mais eficiente possível, a minha opção foi realizar os planos de aula com mais de uma semana de antecedência. Desta forma, tinha oportunidade de o enviar atempadamente ao professor cooperante para que este visse se existia algum

erro que deveria ser alterado. Após o envio, e no dia anterior à aula, eu acabava por rever novamente. Assim, consegui verificar a tempo se tudo o que era planejado estava enquadrado com a realidade, como o espaço e as horas destinadas à aula, e também se os exercícios tinham uma sequência lógica e se concorriam diretamente para o objetivo geral da aula.

*“Na aula programada para o dia 24 de Outubro tentei criar uma variedade superior de exercícios como forma de os alunos não ficarem tão saturados com os exercícios que serão realizados. Outra das situações foi a redução do tempo que os alunos estão em cada uma das estações.”* (Reflexão do dia 21 de outubro de 2012)

Após todos estes momentos que tornaram possível a alteração do plano de aula antes da aula, existe mais um momento que permite alterar o que está planejado. No decorrer da própria aula, o professor, tem a capacidade de alterar o plano e torná-lo melhor para os alunos. Para isso, é necessário que o estudante-estagiário tenha alguma experiência, pois dessa forma vai ser mais fácil melhorar o plano de aula.

No decorrer da minha prática pedagógica existiram algumas situações que acabaram por exigir a alteração do plano na própria aula. O ritmo de aprendizagem dos alunos por vezes não é o mais desejado. Assim, um exercício com determinado tempo planejado poderá não se adaptar à realidade e os alunos necessitarem de mais tempo, ou vice-versa. Esta é uma opção que o professor deverá tomar, e assim adaptar o plano de aula à realidade. Em situações que os alunos já atingiram claramente o objetivo do exercício, é desejável que o professor mude de exercício pois o principal objetivo da aula é que os alunos aprendam, logo deverão estar a exercitar para aprender ou consolidar algum conhecimento e não porque tem que se cumprir o tempo planejado.

Relativamente a este ponto, o estudante-estagiário tem que estar extremamente dentro da matéria que está a ser abordada, o que exige um elevado grau de preparação para as aulas. Quando existe falta de tempo, é

necessário que o estudante estagiário opte por um exercício em detrimento de outro. Por vezes, tive que tomar essa opção no decorrer do meu EP, sendo que, ela foi tomada em função do objetivo da aula e com base no número da sessão da unidade temática. O contrário também se verificou, isto é, existiram aulas em que os alunos tiveram uma capacidade extraordinária de realizar o que foi proposto, o que exigiu que eu tivesse a capacidade de adicionar alguma variante ao exercício ou, por outro lado, adicionar mesmo outro exercício.

Assim, o plano de aula não deve ser encarado como um documento que tem de ser cumprido escrupulosamente, mas sim como um guião do professor para o decorrer da aula, sendo que poderá ser várias vezes alterado.

Como refere Bento (1987), “Antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais.”.

#### **4.1.3. O conhecimento que tenho adapta-se à realidade?**

Para que um professor se desenvolva em toda a sua plenitude e os alunos tenham um processo de ensino-aprendizagem efetivo, é necessário que o professor tenha um conhecimento extraordinário de todos os fatores associados a esse processo.

Assim, Graça (2004), afirma que o conhecimento didático e os modelos instrucionais assumem uma importância fundamental para o auxílio na atividade que é o ensino.

No decorrer do EP, tive oportunidade de adquirir e melhorar o meu conhecimento teórico relativamente a processos e conteúdos didático metodológicos que não possuía e aprofundar outro tipo de conhecimentos devido às situações que foram vivenciadas.

Para que eu fosse ao encontro das exigências que eram impostas pelo programa nacional de educação física para o ano que lecionei, 9º ano, foram várias as recolhas de informação que tive que efetuar para conseguir adquirir conhecimento teórico específico. Na aquisição desse conhecimento tive sempre como objetivo ir além das exigências que eram colocadas, para conseguir que o mesmo se transformasse em conhecimento prático de uma

forma muito mais ágil. Esta necessidade resulta de, no primeiro ano deste ciclo de estudos, o estudante-estagiário ter a oportunidade de experienciar cada uma das modalidades gerais, e algumas das modalidades consideradas alternativas presentes nos programas de educação física do ensino Português. Desta forma, o estudante-estagiário, começa a adquirir conhecimento da matéria, para que lhe seja possível atuar como um especialista. (Graça, 2004).

Visto a necessidade do professor atuar como especialista na lecionação, não me sinto ainda capaz de afirmar que o meu ano de EP serviu para atingir esse patamar. Posso sim referir que acabo por ser um pouco mais “expert” do que era no início do ciclo de estudos.

Após ser confrontado com as primeiras dificuldades, surgiu a dúvida de quão conhecedor da matéria deveria eu ser. Pessoalmente, tentei sempre colmatar as falhas que possuía e ao mesmo tempo estar sempre precavido para qualquer eventualidade que pudesse vir a surgir. Não queria de forma alguma que os meus alunos saíssem prejudicados por falta de conhecimento da minha parte. Tendo em conta esta minha premissa, fui sempre ambicioso em todas as atividades que fui propondo aos alunos. Para isso, os diversos tipos de conhecimento que o estudante-estagiário tem que dominar são fundamentais. Graça (2004) cita Metzler (2000), que refere que existem 7 categorias de conhecimento, sendo elas o conhecimento do conteúdo, conhecimento pedagógico, conhecimento pedagógico do conteúdo, conhecimento curricular, conhecimento dos contextos educativos, conhecimento dos alunos e ainda conhecimento dos objetivos educativos.

Os diversos tipos de conhecimento transmitido no ano anterior ao EP, acabam por ser uma boa base de sustentação para conseguir desenvolver o meu trabalho este ano. Consigo agora encarar o ano inicial deste ciclo de estudos como o processo necessário para me ensinar a ser crítico e reflexivo nas minhas atividades deste ano.

Por diversas vezes, tentei aplicar conhecimento adquirido no ano inicial da formação, culminando por vezes em situações de êxito, enquanto noutras ocasiões isso não se verificou. Senti que existia um desfasamento entre o que foi ensinado (teórico) e a realidade (prático). Este ano de EP peca por ser curto

e não me permitiu consolidar conhecimentos que penso que são fundamentais para um estudante-estagiário e futuro professor.

Relativamente, ao conhecimento do conteúdo, tentei que este fosse sempre o mais detalhado possível. Na situação em que me encontrava, os alunos certamente me iriam colocar à prova e tentar perceber se eu sabia o que estava a ensinar ou não. Desta forma, tentei sempre conhecer ao pormenor o que estava a ensinar. Se em algumas modalidades foi necessário menos pesquisa por me sentir à vontade a abordar as mesmas, noutras isso não aconteceu. Relativamente a este ponto, a conceção do M.E.C. acabou por ser extremamente enriquecedora, pois no primeiro módulo do mesmo constrói-se de uma forma detalhada tudo o que será ensinado.

Por vezes, ter um conhecimento dos conteúdos não quer dizer que se consiga ensinar. Esta foi uma das conclusões a que eu cheguei, depois da experiência. Por vezes, sentia que sabia bem na teoria os conteúdos porém, não sabia como os ensinar. Foram várias as vezes em que pensei que estava a ser claro no que estava a transmitir, porém os alunos não estavam a alcançar o que lhes era pedido. Sendo que a esta tarefa está sempre associada à qualidade de instrução, a ausência de um conhecimento pedagógico do conteúdo foi também um dos fatores que me criou algumas dificuldades para atingir os objetivos a que me propus em cada uma das unidades didáticas.

É neste ponto que eu penso que o professor cooperante assume um papel fundamental. Visto este ser um ano orientado, é necessário que os alunos não fiquem prejudicados devido à inexperiência do estudante-estagiário.

*“Neste tipo de situações é que se sente a importância do professor cooperante pois de outra forma, não seria possível nós tentarmos melhorar a prática pedagógica tão rapidamente. O conhecimento prático que ele tem das diversas situações, permite saber o que cada um dos conteúdos exige do professor e desta forma, o estudante-estagiário tem mais facilidade na aquisição do conhecimento necessário para o melhor desempenho nas mesmas.”* (Reflexão do dia 8 de maio de 2013)

Assim, e para que não existisse perda de qualidade no processo ensino-aprendizagem, a experiência do professor cooperante acabou de certa forma por ser um dos aspetos fundamentais para que fosse possível eu adquirir uma boa quantidade de conteúdo e por vezes transformar o conteúdo teórico em conteúdo prático.

Relativamente à aquisição de conhecimento curricular, esta foi muito reduzida. Relativamente ao conhecimento teórico, este poderá ter sido amplamente adquirido pois tive a oportunidade de consultar cada um dos programas de forma detalhada porém, existe sempre uma especificidade associada a cada um dos anos de ensino e que apenas se poderá verificar quando confrontados com a realidade. Para que isso tivesse acontecido, era necessário que eu lecionasse mais que uma turma de anos diferentes. Porém, e tal como referi anteriormente, este ano foi muito reduzido e desta forma, tentei que fosse o mais enriquecedor para mim. Visto lecionar aulas de uma turma de 9º ano, o conhecimento para este ano de escolaridade foi claramente adquirido relativamente a este aspeto. Contudo, tentei ainda ficar com um conhecimento mais prático desta matéria no que toca ao 11º ano. Visto uma colega de estágio lecionar este ano, optei por assistir a todas as aulas, vivenciando assim um elevado número de situações que me permitiu adquirir algum conhecimento para esse ano de ensino. Mesmo que não tenha sido possível aplicá-lo, vi a aplicar.

O conhecimento dos alunos, é um conhecimento que foi muito transversal no tempo. No decorrer de todo o ano de EP, fui conhecendo os alunos. No início, o conhecimento que tinha dos mesmos era muito teórico e apenas o que sabia das informações que me foram transmitidas pelo professor cooperante. Após uma fase inicial de contacto, adquiri este conhecimento de uma forma muito rápida pois sabia muito pouco sobre eles. No decorrer do ano letivo, fui melhorando a minha atuação com os alunos. Foram várias as opções por mim tomadas para conseguir saber qual a melhor forma de interagir com cada um deles e fazer com que cada um deles tivesse os comportamentos por mim esperados. Este tipo de conhecimento apenas poderá ser melhorado na prática. Senti que cada aluno é um caso particular e não há uma forma correta

de lidar com toda a turma. Apenas desta forma, posso assumir, que algum conhecimento teórico adquirido permitiu que otimizasse a relação com os alunos, porém, nunca esquecendo que este é um tipo de conhecimento predominantemente prático.

No final, penso que o conhecimento, peça central no processo ensino aprendizagem, não está nunca dado como adquirido. Se numas situações este pode ser dado como verdadeiro num longo período de tempo, o mesmo já não acontece se trocar-mos de conhecimento. É importante que um professor esteja sempre o mais atualizado possível pois só assim será possível que o processo de ensino-aprendizagem ocorra em toda a sua plenitude.

*“Algumas das ideias partilhadas pelo professor são também ideias que eu já tinha. Uma delas é relativa à condição física. Sinto que não estamos a conseguir trabalhá-la da melhor maneira, em parte, devido a falta de conhecimento teórico da nossa parte, porém, sei que temos tudo para melhorar ao longo do ano.”* (Reflexão do dia 5 de dezembro de 2012)

Se por um lado, no decorrer do EP, tinha um conhecimento mais teórico, e consegui transforma-lo em prático, foi através da sua utilização em contexto real. Posso afirmar que com a ausência de um conhecimento teórico consolidado, não é possível ter conhecimento prático.

#### **4.1.4. Que modelo de ensino utilizar?**

Um tipo de conhecimento que o professor tem que adotar prende-se essencialmente com o modelo de ensino a utilizar nas aulas de educação física.

Visto que ao nível do comportamento dos alunos nunca senti muitas dificuldades para os conseguir incentivar à concretização das tarefas, penso agora debruçar-me sobre a forma utilizada para tratar os diferentes conteúdos das modalidades abordadas ao longo do EP.

Para a existência de um bom processo de ensino-aprendizagem é necessário que o professor seja eficaz na sua função. Assim, Cohen,



Raudenbush e Ball (2003) cit. por Mesquita & Graça (2011) afirmam que um professor eficaz leva a cabo um conjunto de ações como realização de planeamento cuidado, utilização de materiais adequados, comunicação dos objetivos aos alunos de forma clara, controlo regular do trabalho dos alunos, bom aproveitamento do tempo de aula e também utilização de estratégias de ensino coerentes. Assim, para conseguir que o processo de ensino-aprendizagem que eu estava a criar viesse a poder ser considerado eficaz, baseei-me nestes pressupostos para conseguir orientar a minha prática.

Tal como será referido adiante, numa fase inicial do estágio, o tempo foi um problema. O controlo do tempo não foi o meu problema, foi sim, o tempo disponível de aula para conseguir fazer com que os alunos atingissem os objetivos que foram propostos.

*“Neste jogo, cada aluno teve um tempo médio de participação de apenas 8 minutos. Para este facto contribuiu os alunos não chegarem a horas à aula visto terem tido teste na aula anterior.”* (Reflexão do dia 22 de Fevereiro de 2013)

Por vezes, para que os alunos consigam ter uma boa taxa de aquisição de conteúdos, é necessário que os mesmos deem significado ao que estão a exercitar. Para que seja possível alcançar esse objetivo, os alunos deverão estar num tempo de empenho elevado, que Siedentop (2000) define como o tempo que o aluno está empenhado na tarefa. Esse tempo deverá ter também a si associada uma elevada taxa de êxito na concretização das tarefas em questão. Desta forma, tentei sempre que as situações de exercitação criadas fossem as mais adaptadas possíveis aos objetivos e também em número suficiente para que os alunos atingissem o objetivo. Por vezes, existem condicionantes que levam a que esses objetivos não sejam de todo alcançados.

*“Contrariamente ao que estava planeado, o meu espaço para a aula foi reduzido para unicamente um espaço. Embora eu quisesse acreditar que não,*

*o tempo de espera dos alunos infelizmente seria superior. Isto veio pôr à prova a minha capacidade de improvisação, pois teria que arranjar uma forma de colocar todos os alunos em prática e tentar reduzir o tempo de espera.”* (Reflexão do dia 21 de setembro de 2012)

*“Esta aula começou com um imprevisto, foi a redução dos dois espaços que tinha para apenas um. Esta situação originou que tivesse que reformular rapidamente a aula para os alunos não saírem prejudicados. Como seria de esperar, os objetivos a que me propunha no início na conceção do plano ficaram imediatamente comprometidos, quer pelos alunos terem menos oportunidade de execução quer pelo aumento do tempo de espera.”* (Reflexão do dia 7 de dezembro de 2012)

Posso assim afirmar que, em algumas ocasiões, a minha eficácia como estudante-estagiário ficou mais comprometida porém tentei sempre que os alunos não saíssem prejudicados e o seu êxito fosse sempre o máximo, mesmo que as tarefas realizadas fossem contra ao planeado.

Tal como refere Metzler (2000), cit. por Mesquita & Graça (2011), devem-se interpretar os princípios da eficácia do ensino no quadro de modelos de instrução, terminando assim por fornecer uma estrutura global e coerente ao ensino do desporto.

Para poder optar por um modelo de ensino, foi necessário tomar conhecimento de quais se poderiam adaptar mais à minha realidade e ao contexto do EP. Assim, os principais modelos que penso ser importante realçar são o Modelo de Instrução Direta (MID), o Modelo Desenvolvimental (MD) e Modelo de Educação Desportiva (MED).

Após o ano de EP, penso que é importante realçar que não utilizei um modelo integralmente, mas sim alguns aspetos que penso que fizeram com que o meu processo de ensino-aprendizagem acabasse por ser mais otimizado para a realidade em que me encontrava.

Relativamente ao MID, este é um modelo que está associado a um professor muito autoritário. Neste modelo o professor é o centro do processo

ensino-aprendizagem. O professor instrói diretamente os alunos de forma explícita e os mesmos executam as tarefas que são propostas. Os alunos têm um conjunto de regras e rotinas a cumprir, que agilizam todo o processo educativo e que permitem ao professor ter uma eficácia no tempo, pois os alunos encontram-se em atividade motora durante um longo período de tempo.

Este foi um modelo que utilizei mais no início do ano letivo e das unidades didáticas.

Visto que não conhecia a turma, foi necessário demonstrar alguma autoridade para me afirmar como professor e, desta forma, foi uma vitória para mim conseguir controlar os alunos. Com este tipo de comportamento, foi possível alcançar uma boa relação com a generalidade dos alunos pois, aos poucos, a minha forma de lidar com os alunos foi-se alterando. Sempre acreditei que era possível manter uma relação com os alunos em que houvesse respeito mútuo, mas sempre com a premissa de que o professor tinha autoridade. Porém, sempre que necessário, alterava a minha forma de estar na aula.

*“...optei por ter uma postura muito mais autoritária e não manifestar qualquer tipo de boa disposição. Assim, penso que os alunos iriam comportar-se melhor e rapidamente comecei a ouvir comentários que a minha forma de estar na aula tinha mudado. Esta situação deixa-me um pouco feliz pois assim consigo verificar que estes conseguiram perceber a mensagem.”* (Reflexão do dia 8 de maio de 2013)

No início das unidades temáticas os alunos teriam que experienciar um conjunto de situações, principalmente nos desportos coletivos, que permitia melhorar as suas habilidades técnicas. Estas convergiam numa maior capacidade de aquisição dos comportamentos táticos que eram abordados pois, a atenção dos alunos era dirigida para o exercício e não se tinham que preocupar-se exclusivamente com a técnica. Desta forma, a minha atuação centrava-se mais no tempo que os alunos estavam a exercitar as tarefas com êxito e nas vezes que os mesmos alcançavam o êxito, não permitindo que os

alunos estivessem a realizar os exercícios de uma outra forma, mesmo que cumprissem o objetivo.

Mesquita (2011), refere que no MID uma das principais características do feedback emitido prende-se com a necessidade de privilegiar o positivo e corretivo. Na minha abordagem às unidades temáticas, optei por inicialmente realizar exercícios mais técnicos e posteriormente exercícios mais táticos. Assim, numa fase inicial os alunos necessitavam de feedback correctivo para melhorarem as habilidades, passando-se numa segunda fase a um feedback mais positivo, no sentido de os encorajar a alcançar o êxito.

*“Assim sendo, os alunos acabaram por ser alvo de um feedback muito corretivo no início para que conseguissem realizá-lo corretamente.”* (Reflexão do dia 23 de janeiro de 2013)

Neste modelo, é necessário que o professor tenha uma atuação tendo em conta a sua especificidade de atuação e não tenha apenas como objetivo inculcar nos alunos um conjunto de comportamentos específicos de ensino.

Rink (1996) cit. por Mesquita & Graça (2011) desenvolveu um modelo em que se dá um tratamento didático à matéria, manipulando a complexidade das tarefas propostas e a estruturação do desenvolvimento do aluno.

Assim, na minha organização das unidades temáticas realizei um trabalho por fases, permitindo assim que o aluno chegasse ao jogo formal. Para que isso fosse possível, as tarefas foram organizadas segundo princípios de progressão, refinamentos e aplicação definidos por Rink (1993).

Neste modelo, os conteúdos têm uma progressão quer horizontal, quer vertical. Não se tratam os conteúdos como um somatório de aquisições, mas sim como uma progressão para alcançar um objetivo final. Nesta articulação, quando, a articulação é vertical, as tarefas variam tendo em conta a dificuldade. Os alunos exercitam diferentes variantes dos exercícios, com maior ou menor dificuldade. Por sua vez, quando a articulação é horizontal, o nível de dificuldade entre tarefas é semelhante. Assim, quando se realiza uma

progressão em alternância com as duas articulações verifica-se uma progressão dinâmica entre tarefas.

No decorrer do EP foram estas duas premissas que tive como fundamentais para a organização dos conteúdos no estágio profissional.

*“...serão introduzidos conceitos fundamentais ao jogo, sendo eles os passes de ombro e picado, a recepção, o drible e o remate em apoio. Estas habilidades permitirão que os alunos consigam iniciar a realização de algumas atividades mais complexas como exercícios globais onde se englobem estas várias habilidades.”* (Justificação da Unidade Didática de Andebol)

À medida que ia avançando o número de aulas, fui trocando o tempo que estava destinado a tarefas mais analíticas por tempo em jogo formal. O meu objetivo era conseguir que, no final de cada uma das unidades temáticas, os alunos conseguissem transpor as tarefas outrora exercitadas de forma analítica para a situação de jogo. Assim, os alunos davam mais significado à aprendizagem e, ao mesmo tempo, realizavam as tarefas quando expostos a diversas variáveis, que são manipuladas em situações analíticas.

*“...realizar a avaliação sumativa e apenas alguns alunos conseguiram experimentar o jogo no campo formal. Como será que os alunos irão comportar-se num espaço formal? Se eles treinaram a recuperação para a defesa ou mesmo a transição para o ataque de uma forma, no campo formal terão que percorrer mais espaço o que exigirá fisicamente mais do que os alunos estão acostumados. Pessoalmente tenho algum receio porém é um risco que vou correr e ao qual certamente alguns alunos irão responder da melhor forma mas outros não o irão fazer,...”* (Reflexão do dia 1 de março de 2013)

Relativamente à questão de refinamento, o mesmo foi por mim utilizado por diversas vezes para alcançar objetivos que tinha definido para determinados conteúdos. Mesquita (2011) define-o como o aprimoramento de

algumas componentes críticas, quer a nível motor quer a nível percetivo-decisional, que exigem um tratamento mais refinado devido ao seu grau de complexidade.

Relativamente a este ponto, foi mais trabalhado com algumas alunas em particular que demonstravam dificuldades na compreensão dos conteúdos abordados.

Assim, visto que numa fase inicial do ano letivo não consegui que estas alunas atingissem o sucesso tal como eu pretendia, optei por especializá-las, dando um feedback muito específico para elas, para que as mesmas conseguissem perceber a globalidade do conteúdo. Penso ter conseguido assim que as mesmas tivessem um incremento na qualidade prática dos conteúdos em causa. Adicionalmente, após a concretização de um trabalho contínuo, as mesmas já se encontravam mais dispostas para esta situação de receber instrução mais particular.

*“Um dos aspetos que favoreceu essas alunas foi no andebol, quando me apercebi que seria interessante especializar essas alunas numa posição para conseguir que elas entendessem o seu papel em campo pelo menos nessa posição.”* (Reflexão do dia 13 de março de 2013)

Por fim, a aplicação é um conceito referido por Mesquita (2011) como a forma criada pelo professor para conseguir que os alunos contextualizem as suas aprendizagens. Desta forma, o professor tem que desenvolver os conteúdos e programá-los tendo em conta o objetivo final. Nos jogos desportivos coletivos, as avaliações foram todas realizadas em jogo formal. Assim, foi necessário criar um conjunto de situações de aprendizagem que permitisse ao aluno executá-las de uma forma próxima ao objetivo. Assim, Vickers (1990) e Siedentop (1991) afirmam que esta execução deve ter em conta o tipo de habilidade que o aluno está a executar, aberta ou fechada. Sendo que, nos jogos desportivos coletivos as habilidades são iminentemente abertas, é necessário ter em conta que as mesmas devem ser exercitadas como tal. Caso uma habilidade que é aberta fosse exercitada em contexto de

habilidade fechada muito tempo, o objetivo final que eu defini para a avaliação ficaria seriamente comprometido.

*“A parte final da aula foi passada a exercitar o jogo 5x5. Esta aula teve mais tempo de exercitação do jogo pois na última aula os alunos não estavam a conseguir criar um bom fluxo de jogo nem situações de finalização através de passe e corte ou de aclaramento. Um dos aspetos muito positivos foi o aparecimento da preocupação da criação linhas de passe. Esse é um trabalho que foi muito reforçado durante toda a unidade temática através de situações analíticas e situações de jogo e começa agora a surtir algum efeito.”* (Reflexão do dia 28 de novembro de 2013)

Porém, tendo eu em grande parte das modalidades abordadas conseguido concretizar este objetivo, não foi possível fazê-lo em todas devido ao tempo que tinha destinado para a unidade didática.

*“Em modalidades como o voleibol e o basquetebol seria possível realizar um trabalho, mesmo que muito rudimentar, para que os alunos aumentassem a sua capacidade para execução das habilidades. Mesmo que as habilidades sejam abertas, com um espaço, seria possível dominar as condicionantes e desta forma manipula-las para que os alunos dessem uma resposta específica. Porém, em andebol tal não é possível. Já me aconteceu isso uma vez (realizar uma habilidade de aberta de andebol com apenas um espaço) e o resultado foi desastroso pois o espaço é muito pequeno e não se consegue espaço para que cada aluno consiga realizar as habilidades de forma tranquila, não pondo em risco a sua segurança.”* (Reflexão do dia 1 de março de 2013)

#### **4.1.5. Tenho aulas de 45 minutos. E agora?**

Tal como referido em capítulos anteriores, o ano de escolaridade pelo qual fiquei responsável foi o 9º ano. Sendo que este pertence ainda ao ensino básico, os alunos têm atribuídas no seu horário semanal uma aula com a duração de 45 minutos e outra com a duração de 90 minutos.

Ao longo de todo o ano letivo foram várias as dificuldades sentidas para conseguir que os alunos tivessem algum aproveitamento nas aulas de 45 minutos. Numa fase inicial (1<sup>o</sup> período), estas aulas foram complicadas para mim pois sentia que o processo de ensino-aprendizagem não estava a ser efetivo.

*“Após esta aula, tive a perfeita noção que ainda tenho que melhorar a minha atuação nas aulas de 45 minutos, pois ainda não consigo obter o rendimento por parte dos alunos como se verifica nas aulas de 90 minutos.”*  
(Reflexão do dia 23 de Novembro de 2012)

Assim, numa fase inicial não me conformei com a atribuição de uma aula com tão pouco tempo de duração. Foram várias as vezes em que a aula não teve utilidade prática devido à perda de tempo que está associada a aulas com tão pouca duração. Tal como refere Siedentop (1990), o tempo é um problema claro na educação física. Numa fase inicial, os alunos têm alguns minutos para se equiparem. Por vezes, este tempo foi superior ao permitido, devido a atrasos na saída da aula anterior e ao pequeno intervalo que têm entre aulas. Estas situações levavam a atrasos claros para a aula. Por outro lado, a escola estipulou que os alunos tinham 7 minutos do tempo da aula para se vestirem no final. Devido a estas condicionantes, acabei por ficar apenas com 33 minutos de tempo útil de aula.

Mesquita (1997) refere que existem formas de gerir melhor o tempo de treino. Assim, tentei transpor algumas das suas propostas para o contexto de aula. As sugestões prendem-se com: aumentar o tempo útil de aula, aumentar o tempo disponível para a prática e aumentar o tempo potencial de aprendizagem. Cada uma delas será detalhada mais à frente.

Após algumas conversas com o PC e alguma pesquisa, assumi que aumentar o tempo de aula era impossível. Este aumento do tempo de aula poderia permitir que os alunos alcançassem melhorias da performance a nível físico. Para que isso acontecesse, não bastava que os alunos vissem o seu tempo de aula aumentado em mais 45 minutos. Siedentop (1990), refere que



para haver possibilidade de melhorar a performance ligada à saúde, é necessário que os alunos tenham um tempo de aula de pelo menos 3 vezes por semana, com uma duração de trabalho aeróbio de 20 minutos. Logo, para estas aulas, defini como objetivos não a melhoria da performance, mas sim melhoria de habilidades em concreto. Assim, acabei por assumir que estas aulas teriam que ter outra dinâmica associada, diferente da dinâmica das aulas de 90 minutos.

Senti então a necessidade de definir prioridades concretas para cada uma destas aulas e adotar diferentes estratégias para conseguir sentir que as aulas estavam a ser úteis para os alunos. Mais importante do que isso, também era necessário que os alunos sentissem que elas estavam a ser úteis para alcançar os seus objetivos pessoais na disciplina. Desta forma, acabei por conseguir aumentar o tempo útil da aula, chegando sempre antes da aula para planejar preparar as atividades iniciais e assim poder iniciar as atividades logo que os alunos chegassem.

Para alcançar esse meu objetivo, precisei de ter uma gestão da aula mais eficaz. Carreiro da Costa (1995) citado por Abreu (2000), assume que a gestão da aula representa um elemento primordial na eficácia do ensino das atividades físicas e desportivas. Assim, para que na minha aula, o meu ensino tivesse a si inerente algum tipo de eficácia, experimentei algumas estratégias tendo por objetivo a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Siedentop (1983) refere que o professor tem que adotar um comportamento que culminará numa gestão mais eficaz da aula. Para isso deverá conseguir que os alunos se envolvam largamente nas atividades da aula e terá que ter uma utilização muito eficaz do tempo de instrução.

Assim, e tendo por base a afirmação descrita anteriormente, uma das opções por mim tomadas prende-se com a minha preparação para as aulas com esta duração. Todos os dias tinha por hábito rever a aula, pensar em todos os alunos e quais os erros cometidos por eles e qual o feedback que teria que fornecer para melhorarem. Desta forma, senti que o tempo que os alunos dispensavam a ouvir o professor foi reduzindo ao longo das aulas, o que levou a que o tempo de exercitação fosse aumentando proporcionalmente. Outra das

situações foi a realização de várias formas de instrução. Foram muitas as palavras pensadas para que os alunos conseguissem perceber logo o que deveria ser executado. Quando o tempo de instrução se estava a alongar mais do que tinha pensado, a minha opção era ficar a instruir apenas os alunos que não conseguiram perceber. Desta forma, os restantes iam tendo oportunidade de exercitar. Por fim, no final da aula, um pouco erradamente mas em detrimento de ganhar algum tempo, não dava oportunidade aos alunos de expressarem frente a toda a turma alguma dúvida. Isto é, ficava a falar com os alunos em particular para conseguir que os restantes tivessem oportunidade de ir para o balneário e se apressarem. Com esta opção, acabei por aumentar o tempo disponível para a prática, em parte por ter reduzido o tempo de instrução.

Uma das alterações estruturais que eu realizei neste tipo de aula baseou-se essencialmente na organização da aula.

Nestas aulas, a minha opção baseou-se em realizar um aquecimento o mais conciso possível e, sempre que possível, já com o objeto de jogo. Esta organização permitiu-me trabalhar, entre outros objetivos, algumas habilidades básicas que não tivessem uma exigência muscular e cardiovascular muito elevada. Este aquecimento centrado na tarefa que seria realizada a seguir originou que os alunos tivessem mais oportunidade para realizar a parte fundamental da aula.

Relativamente à parte fundamental da aula, a minha opção centrou-se em realizar apenas um exercício, acrescentando algumas variantes, sendo que elas não alteravam a estrutura do exercício. Assim, o tempo de instrução era muito reduzido e os alunos tinham oportunidade de consolidar o que estava a ser exercitado. Esta minha opção teve que ser muito refletida, visto numa fase inicial, eu ter alguma dificuldade em conseguir aceitar que numa aula os alunos apenas iriam realizar uma situação de aprendizagem. Porém, após alguma reflexão, cheguei à conclusão que seria mais vantajoso para os alunos sistematizarem um conteúdo em concreto., Numa aula de 90 minutos seria mais fácil fazer com que os alunos encadeassem várias ações.

*“Desta vez, tentei que os alunos tivessem um tempo de exercitação superior nos exercícios e um número inferior de exercícios. Com esta atitude penso que não se perderá tanto tempo em transição entre exercícios o que resultará num ganho de tempo de exercitação e, espero eu, de tempo potencial de aprendizagem.”* (Reflexão do dia 21 de outubro de 2012)

Por fim, mas não menos importante, a criação de rotinas e ser intransigente com cumprimento das mesmas acabou por ser fundamental.

*“Uma das primeiras opções que tomei nesta aula foi colocar os alunos a montar o material necessário. Esta minha ação pretende demonstrar que será necessário criar rotinas para a montagem do material.”* (Reflexão de 10 de Outubro de 2012)

Relativamente a este ponto, o mesmo foi mais sentido nas aulas lecionadas no espaço destinado à ginástica. A atividade realizada nestes espaços tem associada a necessidade de montar o material no espaço. Assim, os alunos foram instruídos de forma que, ao sinal do professor, soubessem que atividades realizavam para que o tempo despendido em atividades de montar e desmontar o material fosse o menor possível, visto que o tempo de aula já era reduzido. Nas aulas que eram ministradas no pavilhão, havia sempre um aluno responsável por recolher todo o material para que rapidamente se pudesse dar continuidade às atividades a serem realizadas. Um aspeto interessante foi que, sem serem instruídos para tal, os alunos fizeram uma transferência de hábitos para as aulas de 90 minutos, acabando dessa forma por estas registarem melhorias relativamente ao dispêndio de tempo em atividades necessárias para que a aula se desenrolasse.

*“Caso, nas situações em que os conteúdos a ser abordado se prendem com a ginástica e a aula tem uma duração de 45 minutos, o material tem que ser montado logo no início da aula rapidamente, pois caso isso não aconteça o*

*tempo de aula é reduzido drasticamente.*” (Reflexão do dia 1 de fevereiro de 2013)

Assim, e com a adoção de várias estratégias, fui sentido que ao longo do tempo foram existindo melhorias nestas aulas.

*“Pela primeira vez, acho que posso dizer que saí com algum orgulho do trabalho realizado numa aula de 45 minutos, mesmo que não estando 100% satisfeito.”* (Reflexão do dia 7 de dezembro de 2012)

No final, penso que as estratégias que adotei culminaram no aumento de tempo útil de aprendizagem, pois o dispêndio de tempo noutras tarefas foi sendo inferior.

Desta forma penso que fui conseguindo ir ao encontro da premissa da gestão eficaz definida por Siedentop (1983) e Carreiro da Costa (1995) citados por Abreu (2000), que definem como objetivo para uma gestão eficaz, a maximização e otimização de oportunidades de exercitação, nomeadamente, no que se refere às tarefas que estão diretamente associadas aos objetivos de aprendizagem.

#### **4.1.6. Refletir é melhorar?**

Para que fosse possível alcançar alguns feitos expostos anteriormente, foi necessário ter uma capacidade reflexiva que me permitisse melhorar a minha atuação. Desde cedo senti a necessidade de realizar esse processo. Alarcão (2003), afirma que um professor reflexivo baseia a sua atuação na consciência da capacidade de pensamento e reflexão, visto que o Ser Humano é criativo e não um mero reproduzidor de ideias.

Tal como refere Batista (2008), na formação inicial, deve trabalhar-se, entre outros aspetos, a reflexão, como forma de dar resposta à necessidade que existe de reter a grande quantidade de informação e mante-la durante um longo período de tempo. Também afirma que, devido à elevada exigência associada à profissão que é ser professor, a formação inicial tem que

desenvolver estratégias para que os formandos consigam fortalecer comportamentos que visem o ser reflexivo, sendo eles intencionais e conscientes.

O facto de refletir constantemente, permitiu-me pensar sobre os acontecimentos ocorridos, tendo assim oportunidade de pensar se estes poderiam ser melhorados e como o fazer, tendo em conta o contexto e saber que benefícios poderiam advir dessa ação.

Assim, e tendo por base conhecimento produzido por Alarcão (1996), o professor reflexivo surge como forma deste aumentar a competência, sendo que realiza a análise da sua atuação, em conhecimentos e fundamentos, sempre tentando reorganizar o seu conhecimento de forma estruturada, para evoluir e melhorar a sua prática profissional.

Por si só a reflexão não foi suficiente para melhorar a minha competência profissional. Para que isso aconteça, é necessário que o professor seja acompanhado de uma forma consistente. O professor, após a reflexão, deverá colocar em prática o resultado dessa mesma reflexão. Só assim será possível que exista um fluxo de processo reflexivo, sendo que por base existe sempre um acontecimento, para que seja possível refletir sobre o mesmo.

Um professor deverá ter sempre a sua opção orientada tendo em vista a melhoria das habilidades por parte dos alunos e a aquisição de novos conteúdos. No processo inerente às duas situações expostas anteriormente, é necessário que o professor tenha noção de qual o melhor processo e de que forma deverá atuar para alcançar mais rapidamente esse objetivo. Para que isso aconteça, o professor deverá, após experienciar a situação, refletir para saber se essa foi a forma mais adequada, se estava enquadrada com a realidade e, mais importante, se surtiu efeito. A partir deste momento, poderá novamente partir para a ação e ver os resultados da reflexão realizada.

*“É então possível retirar desta aula que os alunos não “aprenderam”, que era o objetivo mais importante da aula. Na minha opinião isto deve-se ao reduzido tempo que tiveram de prática em cada exercício. Seria desejável que*

*os alunos tivessem tido mais tempo de prática para cada habilidade e desta forma a tivessem melhor assimilado. Desta feita, penso que uma das opções de organização nas aulas de 45 minutos será apenas colocar um exercício onde se foque determinada habilidade, quando a aula terminar em situação de jogo, ou então retirar a situação de jogo e apenas realizar dois exercícios com uma duração superior a dez minutos cada. Outra das opções que poderei tomar será retirar os alongamentos de forma a não perder tempo de aula que já é pouco e reforçar os alongamentos em aulas de noventa minutos.”* (Reflexão do dia 12 de outubro de 2012)

Felizmente, foi possível verificar em algumas aulas, melhorias, sendo elas produto do processo reflexivo.

*“Contrariamente ao que aconteceu na aula passada, os alunos demonstraram conseguir aplicar os conhecimentos adquiridos durante a aula. Foi uma atitude que demonstrou que se sentem mais capazes em aplicar as habilidades e que vêem que as mesmas têm utilidade prática.”* (Reflexão do dia 17 de outubro de 2012)

Este processo reflexivo poderá ter diversas intervenções na atuação do professor. Devido à multiplicidade de tarefas que o professor tem que desempenhar, são muitos os fatores que podem ser influenciados devido à reflexão. Um dos fatores que pode ser influenciado é o planeamento. O professor, após uma aula, poderá verificar que o planeamento não está ser cumprido. A avaliação formativa está diretamente ligada com o processo reflexivo. É através deste que o professor consegue melhorar a sua atuação.

*“Assim sendo, posso concluir que os alunos ainda necessitam de realizar mais exercícios diretamente relacionados com a ocupação racional do espaço.”* (Reflexão do dia 19 de outubro de 2012)

Foram várias as vezes que consegui constatar que existiu alguma dificuldade em conseguir cumprir com esta ação para ter uma melhor atuação. Porém, comecei a verificar que este foi um processo que me acrescentou valor, acabando por se tornar uma necessidade.

*“Na minha perspectiva o melhor dia para fazer a reflexão é mesmo no dia dos acontecimentos. Não estou de todo a dizer que nunca mais olho para ela, o que não é verdade, pois estas têm sido uma ferramenta extraordinária para me conseguir preparar para as aulas. Contudo, o principal dos acontecimentos fica melhor relatado se a reflexão for feita no próprio dia. Nos dias posteriores ainda faço alguns acertos como forma de melhorar alguns aspetos que possam estar pouco esclarecidos. Nesses dias, aproveito para confrontar o que está escrito, com uma opinião mais pensada e ainda mais importante, por vezes mais fundamentada.”* (Reflexão de 4 de outubro de 2012)

Assim, em jeito de conclusão, este processo reflexivo acabou por ser uma mais-valia para mim. Foram muitas as reflexões que tornaram a minha atuação melhor, porém, penso que a minha forma de pensar e a importância que dei a este processo desde o início do EP, facilitou a sua concretização. Tal como refere Schön (1992), existem vários momentos neste processo. Inicialmente, o professor reflexivo é surpreendido pelo que o aluno faz, de seguida, através da reflexão pensa no que o aluno disse ou fez, procurando a razão para o sucedido. Num terceiro momento, reformula o problema que foi suscitado através da situação, sendo que o passo seguinte é experimentar uma nova hipótese e perceber qual o resultado, dando assim início a um novo processo de reflexão.

#### **4.1.7. E agora tenho que avaliar?**

Neste ponto do relatório, será abordado um tema que, no decorrer do EP, me criou algum desconforto: a avaliação.

Esta é uma área que está implícita à atuação de um docente e acaba por ser essencial no trabalho desenvolvido pelo mesmo, tendo por base a tríade: Planificar – Realizar – Avaliar.

O processo avaliativo é mais do que meramente dar um valor a algo. Como é referido por Rosado e Colaço (2002), avaliar pode ser entendido como a ação de estimar, apreciar, calcular o valor de alguma coisa. Nesta corrente, Garcia (1970) citado por Carrasco (1989), afirma que o ato de avaliar é a forma de expressar o juízo subjetivo sobre uma atividade complexa, onde já são conhecidos não só os diversos conteúdos e expressões da atividade previamente, mas também os vários graus de apreciação para ser possível determinar com precisão o valor que é atribuído à realidade em causa.

Bento (1987) refere que o processo avaliativo tem que ser intrínseco e contínuo ao processo ensino-aprendizagem. O mesmo autor refere ainda que, sem este processo, não se consegue verificar se os objetivos planeados foram atingidos ou não e se o planeamento está enquadrado com os objetivos e a realidade que é constatada.

Siedentop e Tannehill (2000) afirmam que a atribuição de uma nota a um aluno tem como finalidade a comunicação, quer aos alunos, quer aos encarregados de educação, das prestações nas diferentes disciplinas frequentadas. Ao mesmo tempo, pode servir como fator de motivação para que os alunos se esforcem tentando assim alcançar uma melhor classificação.

Foram vários os momentos avaliativos ao longo de todo o ano letivo do EP. Foram também vários os sentimentos pelos quais passei, desde a incerteza inicial de não conseguir ser justo com os alunos, até ao momento de já me sentir confiante para a realização da avaliação, necessária para o processo ensino-aprendizagem.

Ao longo de todo o processo avaliativo, a avaliação foi referenciada no critério.

Vickers (1990) define que a avaliação referenciada no critério é o tipo de avaliação onde não existe comparação entre alunos nem no sucesso por si alcançado. Pelo contrário, esta é baseada na ideia de critérios tendo por base a



natureza das habilidades, estratégias ou das condições encontradas no ambiente de aprendizagem.

Assim, antes da realização da avaliação, defini a existência de 5 níveis para cada um dos itens que viria a ser avaliado. Por sua vez, para cada nível, foram definidos os critérios que os alunos teriam que cumprir para lhe ser atribuído esse nível.

### **Avaliação Diagnóstica**

A avaliação diagnóstica concretizou, para mim, um momento essencial para conseguir planejar de forma adequada toda a unidade temática. Esta avaliação foi útil na perspetiva em que consegui verificar se os alunos tinham os conteúdos de anos transatos assimilados que permitissem cumprir o currículo do ano que frequentaram.

Como afirmam Rosado e Colaço (2002), com esta avaliação é permitido ao docente saber quais as aptidões e dificuldades dos alunos sendo que, para isso, deverá ser realizada uma revisão das matérias de anos transatos.

A avaliação diagnóstica precede o processo de planeamento e realização. Assim, foi sempre realizada na primeira aula de cada unidade temática tendo como objetivo a criação de observações para a construção da unidade temática.

Numa fase inicial, 1º período, foram muitas as dúvidas que foram surgindo, visto que esta avaliação teve de ser mais abrangente que todas as outras. Como o meu conhecimento sobre a turma era apenas o transmitido pelo professor cooperante, teria que conseguir retirar o máximo de informações possíveis. Entre outros objetivos, queria conseguir perceber qual a disposição para a prática por parte dos alunos, qual a capacidade dos alunos para estarem em atividade interruptamente e qual o seu comportamento em grupo. Assim, as primeiras avaliações diagnósticas por mim realizadas foram mais exigentes pois não tinham apenas o objetivo da avaliação na modalidade que estavam a exercitar. Desta forma, o meu conhecimento da turma foi-se adensando e acabou por me permitir realizar um planeamento mais personalizado para esta turma específica, ao longo de todo o ano letivo.

Com o decorrer do EP, o meu conhecimento da turma foi sendo cada vez mais especializado, o que me permitiu, em certas unidades temáticas, realizar previamente um planeamento da mesma. Nestas situações, após a avaliação diagnóstica, realizei pequenas adaptações, tendo em conta os resultados obtidos.

Por fim, um documento que era fundamental para a avaliação diagnóstica era a grelha avaliativa. Esta acaba por ser diferente se a modalidade a ser avaliada é coletiva ou individual.

*“Outro dos aspetos relevantes é a ficha de avaliação diagnóstica. Esta ficha tem uma elevada importância pois deverá ser de rápida interpretação e até mesmo intuitiva para o professor. Visto as ações decorrerem muito rápido em situação de jogo, o professor tem que estar bem familiarizado com a ficha de avaliação diagnóstica.”* (Reflexão do dia 2 de outubro de 2012)

As fichas pré concebidas para esta avaliação, foram realizadas com o objetivo de conseguir preenchê-las rapidamente e, no final, penso que esse objetivo foi conseguido. Porém, no 1º período, a dificuldade inicial foi a de saber o nome dos alunos. Foram várias as vezes em que tive que perguntar aos alunos os nomes, pois em 2 semanas de aulas não consegui decorar. Com o passar do tempo, o conhecimento que tinha dos alunos permitiu-me ultrapassar esta dificuldade e assim estar mais focado nas habilidades técnicas por eles executadas.

### **Avaliação Formativa**

Esta avaliação tem como principal finalidade conseguir perceber se os objetivos planeados foram alcançados em determinado momento da unidade temática ou se, na realidade, havia um desfasamento entre o que os alunos tinham atingido e o que estava planeado.

Carrasco (1989) afirma que esta avaliação tem valor quando existe um reconhecimento das falhas e ao mesmo tempo, cria-se um planeamento para

que elas acabem por ser corrigidas. Desta forma, acaba por ser necessário um processo contínuo.

No meu entender, penso que esta foi uma atividade que esteve implícita à minha atuação. No final de cada aula, a minha atitude era de professor reflexivo e, desta forma, eu refleti sobre as várias dimensões que afetam a aula, sendo que acabei sempre por tentar perceber se os objetivos que tinham sido planeados estava a ser atingidos ou não.

*“É então possível retirar desta aula que os alunos não “aprenderam”, que era o objetivo mais importante da aula. (...) Seria desejável que os alunos tivessem tido mais tempo de prática para cada habilidade e desta forma a tivessem assimilado melhor.”* (Reflexão do dia 12 de Outubro de 2012)

Este tipo de avaliação permitiu-me realizar ajustes quando percebi que o que estava a ser realizado pelos alunos não estava a ir ao encontro do processo de planeamento. Permitiu-me também perceber se o tempo que tinha sido planeado para a aquisição de determinado conteúdo era suficiente ou se era necessário dar mais tempo para a assimilação, e vice-versa.

### **Avaliação Sumativa**

Por fim, mas não menos importante, a avaliação sumativa foi outra das formas que utilizei no processo de ensino-aprendizagem. Este tipo de avaliação, prendeu-se mais com a necessidade de dar cumprimento a uma necessidade administrativa, a atribuição de um valor ao aluno pelo conteúdos que foram abordados no decorrer das aulas.

Vickers (1990) afirma que a avaliação sumativa ocorre como conclusão, entre outros, no final da unidade temática ou final do ano. Esta acaba por funcionar como o resultado de um progresso que o aluno teve.

Este processo, para mim, acabou por ser mais complexo do que os supracitados. Eu encarava esta atividade como a confirmação de várias avaliações formativas e, de certa forma, serviu para, formalmente, atribuir um

nível a cada um dos alunos, para que no final do período fosse atribuída uma nota quantitativa.

Tendo em conta a falta de prática que tinha neste processo, numa fase inicial, foi necessário o máximo planeamento para que acontecesse o menor número de erros possíveis. Caso existissem falhas, os alunos poderiam sair prejudicados e para mim era uma situação que não poderia ocorrer. Desta forma, e tendo como objetivo evitar situações delicadas, criei um conjunto de situações, para otimizar o processo.

*“É um assunto (a avaliação sumativa) que terá que ser bem pensado, de forma a não prejudicar nenhum dos alunos. No caso do basquetebol, uma tática que eu penso que vou optar na avaliação sumativa será a criação de uma grelha e levar para a aula a grelha já semipreenchida...”* (Reflexão de 14 de novembro de 2012)

Este tipo de avaliação foi sempre realizado no final de cada uma das unidades temáticas, pois só nesse momento poderia dar como terminado todo o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de determinada modalidade.

Neste sentido, Siedentop e Tannehil (2000), afirmam que a avaliação sumativa tem como principal objetivo a apreciação do resultado final de todas as aprendizagens e do processo a que o aluno foi submetido para progredir no que se relaciona com os objetivos.

Para os alunos, este acaba por ser um momento muito importante na sua formação pois culmina com a atribuição de uma nota.

Na minha turma, foi possível verificar que os alunos no primeiro período deram muita importância a este momento avaliativo. Embora tenham sido constantemente alertados, na sua mentalidade apenas era este momento que contava para a atribuição da nota final do período.

Porém, penso que fui conseguindo mudar a mentalidade dos meus alunos. Numa avaliação tida como contínua, não é um momento formal que vai fazer com que seja atribuída uma nota aos alunos. A nota atribuída será a

soma de diversos momentos avaliativos, conjugados com o momento de avaliação formal. Nas últimas avaliações sumativas, os alunos conseguiram verificar que esta avaliação seria apenas mais um momento avaliativo e que de certa forma seria um complemento à avaliação que tinha sido realizada até então. Foi interessante verificar a mudança de atitude dos alunos da primeira para a última avaliação sumativa: se na primeira os alunos estavam muito tensos e com medo de realizar as ações a serem avaliadas, na última, estavam muito mais cientes do que teriam que fazer e, desta forma, as habilidades foram realizadas muito mais naturalmente.

Relativamente ao tempo planejado para esta avaliação, acaba por ser essencial, e nunca deverá ser descorado. Com o vivenciar de situações, é possível que o professor melhore a sua prestação de observação e foi o que eu senti. No primeiro período, embora tivesse tudo planejado, a minha capacidade de observação era limitada, faltava-me foco no que observava. Porém, com o passar do tempo, essa capacidade foi melhorando e desta forma, a observação acabou por se revelar mais eficaz.

*“Contudo, penso que é importante os alunos passarem grande parte do tempo a jogar pois a dificuldade de ver os alunos executar todas as habilidades presentes nos critérios de avaliação é grande.”* (Reflexão do dia 7 de dezembro de 2012)

Sendo este um momento muito importante para os alunos, penso que a falta de experiência por parte do estudante-estagiário poderá de certa forma afetar os alunos. Assim, neste momento, acho que o professor cooperante tem um papel preponderante para que a avaliação seja justa.

*“Como seria de esperar, alguns dos critérios tiveram que ser reformulados pois eram demasiados ambiciosos. Assim sendo, os alunos poderiam sair muito prejudicados na avaliação. Penso que é muito importante a experiência do professor cooperante pois, sem este, provavelmente não*

*haveria a avaliação justa para os alunos.” (Reflexão do dia 20 de novembro de 2012)*

#### Atribuição de notas de final de período

Todo o processo avaliativo descrito anteriormente termina com a atribuição de uma nota quantitativa. Para que esse processo aconteça, todas as fases descritas anteriormente deverão estar bem esclarecidas pois, dessa forma, a transformação de todas as observações dos alunos numa nota quantitativa será menos complexa e dúbia.

Pessoalmente, este foi um processo que me deixou algo apreensivo, devido à sua complexidade e possível injustiça que se poderia verificar.

Uma das situações que pude constatar foi o facto de, numa primeira fase e após todo o processo avaliativo, em alguns casos as notas que resultavam não serem o que eu estava à espera em certos alunos. Não só por serem demasiado superiores, mas inferiores ao que eu estava à espera.

Assim, penso que é fundamental existir uma ponderação das notas pois, e após o estágio profissional, posso afirmar que, para mim, a avaliação dos alunos não é o resultado visível numa célula.

Para que exista uma avaliação justa, penso que é fundamental o professor ter capacidade de ponderar as notas e verificar se elas representam a realidade.

*“Com apenas dois períodos de experiência a dar aulas penso que é fundamental que os professores tenham todas as informações juntas para que seja possível refletir sobre a avaliação. Esta foi a estratégia que utilizei nos dois períodos e que acho que tem sido muito positiva, pois antes do período terminar costumo ter as notas já relativamente ponderadas.” (Reflexão do dia 15 de março de 2013)*

## **4.2. Participação na Escola e Relações com a Comunidade**

Para que um docente desempenhe todas as suas funções na escola é inquestionável a necessidade de este estar bem ambientado e ainda mais importante, deverá estar integrado na comunidade educativa.

Assim, no presente capítulo, serão realçadas todas as atividades não letivas que tive oportunidade de participar e cuja participação permitiu ganhar experiência diversificada no decorrer do ano do EP.

Nesta área, a principal função do professor estagiário é a experimentação de atividades não letivas, que visem a integração do mesmo na comunidade escolar. Em simultâneo, devem permitir que este acabe por adquirir um conhecimento do meio regional e local sendo que os objetivos são a criação de uma noção concreta em que se realiza a aula e o conhecimento das condições locais da relação educativa e a exploração da ligação entre a escola e o meio (Matos, 2012).

São muitas as situações que um professor tem oportunidade de viver quando está em contacto com colegas de outros grupos de recrutamento e com os auxiliares de ação educativa, sendo esta uma vivência fundamental para o estudante-estagiário.

Uma escola que vá ao encontro dos alunos, é necessário que todos os docentes criem entre si alguma ligação para conseguirem cooperar e interligar as matérias que estão a ser abordadas. Desta forma, os alunos percebem a necessidade de se interligarem com os docentes e o processo educativo torna-se mais eclético para os alunos, podendo dessa forma ajuda-los a criar um sentido de pertença à escola, cativá-los mais para o processo de ensino-aprendizagem e utilizar estas como formas para promover o sucesso educativo.

De certa forma, a minha passagem pela escola como aluno facilitou muito a relação com a comunidade, o que acabou por agilizar muito o processo. A maioria do espaço físico da escola já era do meu conhecimento. Algum do meu tempo inicial foi passado a familiarizar-me com as novas instalações criadas pela intervenção a que a escola foi sujeita. Este período de

ambientação permitiu-me verificar que foram inúmeras as melhorias realizadas, tornando a escola mais atractiva e funcional para os alunos.

Foram muitas as conversas que existiram com os outros docentes. De certa forma, numa fase inicial do EP, estas prendiam-se essencialmente com a mudança de papel que eu estava a viver.

Um dos aspetos que me facilitou o cruzamento com muitos dos professores, foi o facto de a sala de professores se encontrar nas instalações desportivas, devido à intervenção que continua a decorrer na escola. Foi nesse espaço que tive oportunidade de falar com muitos dos professores. A existência de um espaço comum que acaba por fazer com que os professores tenham um contacto informal, para reforçar a convivência útil para os contactos formais. Tive particular facilidade em conviver com os professores que participaram na minha formação mas também com aqueles que pertenciam a uma faixa etária mais próxima da minha. Embora, tenham sido muito poucos, esses, sempre tiveram uma maior facilidade em conversar e em demonstrarem-se disponíveis para a minha integração no grupo docente.

A minha integração no grupo docente foi extremamente facilitada devido à possibilidade de participar em todas as reuniões que se desenvolveram na escola, de grupo e de departamento e nos diversos conselhos de turma. Esta situação devia-se essencialmente a dois princípios, primeiro, a forma como o EP está montado na FADEUP e em segundo lugar, o professor cooperante sempre fez questão que a atividade a desenvolver na escola fosse mais que uma atividade letiva. Assim, sempre fez questão que adquiríssemos capacidades que vão além da função letiva do professor. A facilidade que existia para ter contacto com a direção da escola, possibilitou ainda mais essa integração e a abertura de horizontes na melhoria da minha prática como docente.

Assim, tentei envolver-me ao máximo nas atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano torna-las numa mais-valia para mim, para conseguir tornar-me um docente mais competente e integral, no sentido de adquirir consciência de que o trabalho do professor não se esgota no trabalho



letivo, embora seja essa seja fundamental e preencha a parte principal do trabalho do professor na escola.

### Desporto Escolar- Grupo/Equipa Ginástica

O Desporto escolar é uma atividade que acaba por ter um papel preponderante na educação. Assim, o Desporto Escolar tenta explorar o valor pedagógico do desporto de uma forma complementar à aula de educação física.

O programa do desporto escolar que vigorou de 2009 a 2013 afirma que é uma atividade que tem impacto nas diversas áreas sociais.

O mesmo documento afirma que esta atividade deve ser um instrumento para a promoção dos alunos, na sua inclusão e integração social, promovendo o desporto e servindo como forma de combater o insucesso e abandono escolar.

Para que um processo desta dinâmica de desenvolva, é fundamental que este seja regido por princípios. Para o desporto escolar, foram definidos como princípios a escola ser centro principal de todo o processo educativo, a sua autonomia e responsabilização e a promoção da avaliação, estimulando assim as boas práticas.

Existem vários grupos/equipas nas ESDD, sendo eles de andebol masculino, futsal feminino, natação e ginástica. É de salientar que, nas diversas competições, a escola conseguiu sempre lugares de relevo.

Pela primeira vez, e tendo a escola já um longo caminho percorrido e com sucesso nesta área, tendo sempre um elevado número de alunos a participar e alguns alunos com êxitos nacionais, foi possível fornecer aos alunos vestuário identificativo. Com esta atitude, a escola conseguiu criar nos alunos um sentimento de orgulho na sua representação e ao mesmo tempo, conseguiu uma das principais funções desta atividade que é dar aos alunos a sensação de pertença e filiação a uma equipa, onde todos estão a trabalhar para um mesmo objetivo.

Desta forma, e tendo o professor de educação física um papel fundamental na concretização deste processo, dos vários grupos/equipas que a

escola tem, optei por realizar um acompanhamento mais particular do grupo/equipa de ginástica.

Este é um grupo que abrange um elevado número de alunos dos mais diversos escalões etários. Foi interessante acompanhar o desenvolvimento deste grupo/equipa ao longo de todo o ano e constatar uma melhoria muito notória da parte de alguns alunos. Numa fase inicial do processo, os alunos não tinha as condições de treino que eram desejadas mas rapidamente estas foram colmatadas quando foram adquiridos novos colchões para o pavilhão de ginástica.

Pessoalmente, saliento como um dos pontos altos deste grupo/equipa a realização de uma coreografia que foi apresentada antes do jogo de andebol Portugal-Suíça realizado no dia 7 de abril do presente ano, jogo esse que contou para o apuramento para o campeonato da europa. Embora este não tenha sido um momento de competição, foi certamente um momento que marcou os alunos pela demonstração do seu trabalho a uma massa populacional muito elevada.

A minha participação nesta atividade foi interessante pois serviu para verificar que um professor poderá ter diferentes registos com os alunos. Isto é, o ambiente que se sente num treino de desporto escolar é muito mais descontraído que nas aulas. Este pode em parte dever-se ao facto de os alunos que participam nesta atividade têm algum objetivo e estão motivados para, já o mesmo não se verifica nas aulas. Pode também verificar a existência de diversos níveis de ensino num mesmo espaço e de que forma poderia organizar uma atividade deste tipo para que todos os alunos tivessem em atividade. Acabou por ser uma atividade muito enriquecedora para mim, pois, na fase inicial do estágio, quando lecionei ginástica artística, acabei por aprender muito, principalmente na forma como organizar os alunos e assim otimizar o tempo que estes estão em prática.

#### Workshop “As dificuldades de aprendizagem e o sucesso educativo”

Este *workshop* foi realizado ainda as atividades letivas não se tinham iniciado. Visto esta ser de cariz obrigatório para toda a comunidade docente,

como estagiário do grupo de recrutamento 620 marquei presença, sendo que a vivi como mais uma oportunidade para me instruir.

Este *workshop* teve por base o conhecimento que um dos professores tem vindo a adquirir com a participação em formações para este efeito.

Acho que a escola devia reger-se por princípios de partilha como este aqui verificado. O professor apenas foi partilhar conhecimento que tinha adquirido com o grupo docente da escola.

Se toda a comunidade docente funcionasse desta forma, acho que conseguiríamos todos ter um conhecimento mais detalhado dos alunos e ao mesmo tempo ajuda-los, encaminhando-os para um acompanhamento necessário para conseguir de certa forma o êxito escolar.

O facto de existir um docente especializado nesta área na escola, que realiza um acompanhamento particular dos alunos sinalizados acaba por ser uma mais-valia para a escola, conseguindo que os alunos alcancem o sucesso mais facilmente e por outro lado, acaba por ser mais uma possibilidade para conseguir cativar mais alunos.

#### Teste Fitnessgram para os docentes

Esta atividade foi proposta pelo grupo de educação física aos professores que lecionam na escola.

Esta atividade foi tida com muito agrado por dois motivos fundamentais. Em primeiro lugar, gostaria de realizar o teste como forma de perceber qual era o meu nível de aptidão física, e por outro lado, visto ser uma bateria de testes que teria que aplicar aos meus alunos, queria reavivar os protocolos de realização para evitar qualquer erro, tornando assim os resultados os mais fiáveis possíveis.

Os meus objetivos pessoais foram alcançados. Contudo, os objetivos da atividade não o foram, o que me deixou muito desagrado, isto porque os professores não participaram tanto como se esperava. Na atividade estiveram presentes mais estudantes-estagiários de educação física do que professores que são da escola.

*“No meu entender os professores deverão ser um exemplo para os alunos. Assim sendo, mesmo que os professores não gostem de atividade física deveriam participar de forma a demonstrarem aos alunos a importância do exercício físico. Se um aluno não gosta de uma determinada área curricular (que não a educação física), porque irá ele esforçar-se se o professor não se esforça a participar em aulas de atividade física?”* (reflexão do dia 19 de setembro de 2012)

Penso que este tipo de situações não cria muito bom ambiente entre grupos de recrutamento pois o facto de uns não colaborarem com o trabalho desenvolvido pelos outros irá criar algum mau estar. Embora esta tarefa tenha alguma especificidade a si inerente, é fundamental que os professores colaborem, pois foi uma atividade que os professores teriam benefícios diretos, inclusive com a entrega de um relatório disponibilizado pelo *fitnessgram*. Um dos fatores que penso ser importante salientar é o facto de a subdiretora da escola ter estado presente e a realizar a atividade.

#### Participação na Palestra “Violência no Namoro!”

Esta foi uma palestra a que a minha turma foi assistir, palestra essa coincidente com uma das aulas de educação física.

Esta foi a primeira vez que saí com os alunos da escola, estando eles sobre a minha responsabilidade. A deslocação foi para assistir a uma palestra que cria sempre alguma controvérsia nas idades pelas quais os alunos estão a passar.

Sendo esta a minha primeira experiência, pensei que os alunos teriam um comportamento adequado, pois foi a esse registo que tentei que os mesmos estivessem habituados. Uma das situações que eu não estava à espera era a interatividade que os alunos tiveram com os preletores.

*“Contrariamente ao que eu estava à espera, a minha turma esteve bastante interventiva o que demonstra que sabe estar e que tenta retirar das*

*situações o máximo para conseguir aprender.”* (Reflexão do dia 20 de fevereiro de 2013)

Sendo esta uma sessão principalmente de sensibilização, que *à priori* não iria exigir uma grande intervenção por parte dos alunos, acabou por ser uma sessão extremamente interessante para os alunos pelas questões que foram colocadas por eles e por consequência, a possível mudança de mentalidade.

Como estudante-estagiário esta acabou por ser para mim uma oportunidade de perceber os novos problemas que chegam à escola, ou que, agora estão a ser mais debatidos e a ter um maior ênfase. Assim, é necessário estar em alerta para possíveis problemas.

#### Palestra “Sessões de Nutrição”

O tema central desta palestra era, fundamentalmente, a sensibilização dos alunos para a aquisição de hábitos alimentares saudáveis.

Esta foi uma palestra que, embora eu não tenho ido assistir com a minha turma, optei por fazê-lo, ao acompanhar a turma de um dos meus colegas do núcleo de estágio. Esta minha opção baseou-se na necessidade de perceber um pouco mais dos hábitos alimentares em particular para a população alvo que era o 9º ano.

Um dos objetivos da palestra penso que era a elucidação dos alunos para esta nova problemática porém, apenas forma apresentados diversos factos porém, os alunos apenas aparentaram estar mais interessados quando se começaram a falar de caso práticos. Penso que uma boa adaptação teria sido se a organização tivesse sido diferente. Isto é, se fossem apresentados casos práticos e a partir daí se discutissem factos.

Como penso que o professor de educação física, à semelhança do professor de ciências naturais, tem um papel essencial nestes aspetos, tentei aumentar o meu conhecimento nesta área.

Pessoalmente, penso que saí mais elucidado que os alunos. Acho que a palestra não foi adaptada ao público a que destinava.

*“Os alunos estiveram durante algum tempo a ouvir o porquê de não fazerem determinadas coisas. Acho que os alunos já estão fartos de ouvir este tipo de discurso.”* (Reflexão do dia 22 de fevereiro de 2013)

Embora os alunos se demonstrassem interessados no que estavam a ouvir, no final, penso que o que conseguiram reter foi muito pouco. Penso que o conhecimento que se tentou transmitir foi mais técnico e não tão elucidativo como se pretendia para esta faixa etária.

Como futuro professor de educação física, tentei sempre ter um papel muito ativo para que os meus alunos tivessem a noção da importância de ter uma alimentação saudável e que fizessem as principais refeições do dia. Em alguns casos na minha turma, cheguei a verificar que alguns alunos apenas comiam pela primeira vez no dia à hora de almoço.

#### Apresentação do Fit school

*“Sinto que não estamos a conseguir trabalhá-la (condição física) da melhor maneira, em parte, devido a falta de conhecimento da nossa parte, porém, sei que temos tudo para melhorar ao longo do ano.”* (Reflexão do dia 5 de dezembro de 2012)

Uma das dificuldades que senti durante o EP foi a adequação de um trabalho efetivo da aptidão física durante todo o ano letivo à minha turma.

A minha formação académica não fomentou nenhum tipo de trabalho específico relativamente a este tema. Assim, foi necessário realizar uma preparação específica sendo que o objetivo seria ter conhecimento para aplicar na turma. O tipo de planeamento utilizado para as unidades temáticas (planeamento de Vickers) contempla o desenvolvimento da aptidão física. Porém, foi necessário adquirir conhecimento para conseguir adaptar este trabalho à minha realidade, uma aula de 135 minutos por semana, divididos numa aula de 90 e outra de 45 minutos, visto que os efeitos da prática das modalidades desportivas não é suficiente.

Após o conhecimento da existência de uma apresentação de um projeto pioneiro em Portugal, intitulado Fit School, da responsabilidade da empresa Prosport, tive a oportunidade de conseguir assistir a essa apresentação.

Na minha opinião, foi uma apresentação extremamente enriquecedora pois consegui colmatar algumas das falhas no meu conhecimento.

Outro dos pontos muito positivos desta apresentação foi a possibilidade de poder aplicar algumas sugestões com a minha turma pois a escola estava bem equipada e, dessa forma, ver através de experimentação no terreno que o que foi apresentado teria realmente vantagens nos alunos.

*“Contudo, é algo extremamente interessante (forma apresentada para trabalhar a aptidão física) para os alunos pois cativa-os muito mais para a prática desportiva. Após uma breve experimentação, senti que aquele trabalho é realmente muito interessante pois rapidamente uma pessoa se sente cansada e está sempre a tentar dar o máximo.”* (Reflexão do dia 20 de fevereiro de 2013)

Para mim, esta oportunidade foi muito interessante pois penso que este processo acaba por ser um processo evolutivo do ensino. Já que não é possível que os alunos melhorem a sua condição física no tempo de aula que têm por semana de educação física, é necessário arranjar maneiras mais apelativas para realizar este tipo de trabalho e assim, originar que fora das aulas, os alunos se envolvam em atividades que permitam melhorar a sua aptidão física. Assim, este poderá um papel fundamental que o professor atual têm, inculcar o gosto pelo exercício físico regular e conseqüente melhora da sua aptidão física.

#### D. Dinis Ativo

Esta foi a atividade realizada pelos núcleos de estágio da ESDD.

Esta atividade teve a duração de uma manhã, com atividades desportivas direcionadas para os alunos sendo que o principal objetivo era incentivar à prática desportiva e possibilitar aos alunos experimentarem

atividades que não têm oportunidade de experienciar no decorrer do ano letivo, como a capoeira, karatê, aeróbica e escalada.

Esta atividade teve uma participação de perto de 50% dos alunos da escola, aos quais se juntamos alunos que estiveram na assistência e que não foram contabilizados.

O trabalho organizativo que está inerente a este tipo de atividade é muito, sendo que foi sempre realizado com reuniões com os dois grupos de estágio.

Com o grupo de trabalho que existia, tive muito prazer na organização da atividade. Todo o grupo trabalhou com o mesmo objetivo, e o foco de trabalho acabou por ser os alunos, e não foi vista como uma tarefa que teria que ser cumprida pois fazia parte do EP.

Como é habitual neste tipo de atividades existem sempre aspetos que poderiam ter-se desenrolado de outra forma, otimizando o processo. Por outro lado, existem também pontos muito positivos que merecem ser destacados.

Um dos aspetos que podia ter sido melhorado é a a quantidade de alunos que se inscreveram e não apareceram na atividade. O número foi elevado e esses alunos deveriam ser questionados como forma de responsabilização.

Outros aspeto foram as camisolas que identificavam os organizadores da atividade que não tinham o logotipo da escola nem o ano letivo. Para mim, esta é a atividade, porém, para os professores da escola que já fazem parte do quadro, esta é mais uma atividade que se desenrolou, e para a recordação deveria ficar explícito qual o ano de concretização.

A apresentação realizada de cada um dos responsáveis que desenvolveram as atividades também devia ser melhorada. Um dos aspetos que tentamos que tivesse êxito foi o cumprimento do tempo. Para isso, o tempo de transição entre atividades teria que ser cumprido escrupulosamente e, na tentativa de conseguir esse feito, a introdução dos responsáveis pelas atividades foi um pouco descorada.

Tal como referido anteriormente, o tempo e o cumprimento do planeado foram, desde cedo, preocupações essenciais. Penso que este acabou por ser



um objetivo que conseguimos alcançar com muito sucesso. Cada uma das atividades teve a duração prevista e foi conseguido que o tempo de espera entre atividade fosse muito reduzido. Com este feito, conseguimos que os alunos que participaram não estivessem saturados da espera e a massa de assistência manteve-se sempre constante pois acabaram por nunca abandonar o recinto.

Outro fator muito positivo, foi o facto de a atleta Sara Moreira ter estado presente na atividade. Esta foi uma forma de conseguir um maior número de alunos inscritos. Como a atleta alcançou um êxito desportivo muito grande há pouco tempo, os alunos tiveram interesse em contactar com ela. Sendo esta uma atleta que se formou na ESDD, acabou por se tornar uma referência para os alunos, um modelo que permitiu aglutinar os alunos e motiva-los.

Por fim, a facilidade que os estudantes-estagiários tiveram em comunicar acabou por tornar esta tarefa numa atividade agradável e que conseguiu alcançar os seus objetivos.

Uma das minhas preocupações que se manteve no decorrer de toda a atividade era que esta se tornasse uma experiência agradável para todos os alunos. Penso que se os professores mantiveram o seu foco na melhoria das competências dos alunos, o ensino tornar-se-á muito mais atrativo para os alunos, pois estes gostam do que estão a fazer, e os professores têm alunos a valorizar o seu trabalho.

#### Reuniões de departamento, grupo, conselhos de turma e de núcleo de estágio

As reuniões acabaram por ter um papel muito preponderante na minha formação. No decorrer do ano letivo, foram várias as reuniões em que estive presente e para todas elas parti com o objetivo de retirar os maiores ensinamentos possíveis. Foi nestas reuniões que, no decorrer do ano lectivo, consegui aprender o máximo de ensinamentos a nível administrativo.

Relativamente às reuniões de departamento, no decorrer do ano lectivo existiram poucas e estas tinham como principal objetivo transmitir a um departamento as principais informações que eram transversais para a atuação como professor. Embora eu tenha estado em todas as reuniões, posso afirmar

que não foi nestas, que me desenvolvi mais como professor, relativamente ao conhecimento administrativo.

Relativamente às reuniões de grupo, estas tiveram uma importância inquestionável na minha formação. Foram muitos os temas abordados no decorrer do ano letivo, e só desta forma consegui perceber quais as principais atividades de um professor fora do espaço de aula. Uma das coisas que consegui perceber com a presença nestas reuniões foi a necessidade de um trabalho de planeamento muito grande antes do início do ano letivo.

É neste tipo de situações que é importante que exista uma troca de conhecimentos entre os vários professores de educação física. Não existem situações iguais no ensino, porém, a situação de êxito conseguida no ensino de algumas habilidades deverá ser partilhada pois desta forma, outros alunos terão oportunidade de experienciar essas situações e possivelmente alcançar esse sucesso também.

Acho importante realçar que estas reuniões têm um papel vital no funcionamento de um grupo de recrutamento. Pelas atividades que os professores têm que desenvolver ao longo de todo o ano letivo, são poucas as vezes em que têm oportunidade de debater temas essenciais. Com a existência deste momento formar, penso que é muito positivo para que os professores tenham a oportunidade de debater saberes.

Outra das atividades que está inerente à escola e ao seu funcionamento são os conselhos de turma. Como seria de esperar, no decorrer do ano letivo, apenas estive nos da minha turma.

Tal como nas reuniões de departamento, penso que os conselhos de turma acabam por ser fundamentais para que uma turma seja acompanhada de uma forma correta e eficaz por todos os docentes.

Pessoalmente, estas reuniões acabaram por ser uma frustração para mim pois não foram ao encontro daquilo que eu tinha idealizado. Numa fase inicial, tinha um pensamento diferente do que foi desenvolvido durante todo o ano letivo.

*“Os professores queixam-se de ter muita falta de tempo para as tarefas e que passam demasiado tempo na escola. Se o tempo que passam na escola é em reuniões é normal que isso aconteça. Não entendo como é que os professores numa reunião debatem tantos temas paralelos que nada têm a ver com a reunião.”* (Reflexão de 17 de setembro de 2012)

Os professores acabam por dispersar muito nas reuniões e, dessa forma, as reuniões têm um tempo muito elevado e o principal foco, os alunos, acaba por ficar para segundo plano.

Neste tipo de reuniões os professores deveriam preocupar-se com o que realmente poderiam fazer para melhorar o rendimento dos alunos e não com acontecimentos que não afetam diretamente a atividade letiva dos mesmos.

Outra das reuniões que para mim foram sem dúvida importantes, foram as reuniões de núcleo de estágio que tive no decorrer de todo o ano letivo.

Foi nestas reuniões que consegui adquirir o maior conhecimento, que não era adquirido pela prática pedagógica.

Um dos pontos mais positivos no decorrer de todo o ano letivo foi a disponibilidade que o professor cooperante demonstrou para discutir diversos temas que não se prendiam exclusivamente com a prática.

Nas reuniões semanais do núcleo de estágio que foram realizadas durante todo o ano letivo, sendo que as prioridades dos temas que foram sendo discutidos também se iam alterando. Numa fase inicial dos períodos, os temas mais debatidos prendiam-se essencialmente com o planeamento, a distribuição de matérias, assim como a discussão dos conteúdos que deveriam ser mais abordados. Já próximo do final do período, os temas prendiam-se essencialmente com as avaliações, os critérios e a organização da mesma. Um dos temas que acabou por ser transversal a todo o ano letivo foram os planos de aula.

O professor cooperante acaba por ter um papel preponderante no processo reflexivo como estudante-estagiário e, ao mesmo tempo, no planeamento das atividades.

Um dos pontos que eu penso ser extremamente positivo é o facto de o professor não dar soluções mas sim debater as que eram por nós sugeridas. É neste tipo de trabalho que se foram encontrando novas soluções para a resolução de problemas que iam aparecendo e dessa forma, a nossa formação foi enriquecida pela existência de diversas sugestões que foram surgindo.

Por último, o facto de a reunião não ter uma ordem de trabalhos definida e que tivesse que ser cumprida à risca, facilitou e muito o aparecimento do gosto pela prática. Nestas reuniões, foram diversos os temas debatidos e, desta forma, como estudante, eu tive a oportunidade não só de expor dúvidas, mas também de debater alguns assuntos que não tinham diretamente a ver com a prática pedagógica, mas que estavam sempre inerentes à profissão docente.

Sem dúvida, penso que estas reuniões foram tão importantes para mim como a prática pedagógica. A atividade de um professor docente não é só dar aulas. O facto de ter 28 alunos pela primeira vez e ter a responsabilidade de lhes ensinar, torna necessário a existência de algum conhecimento, que o professor cooperante tinha e sempre disponibilizou para partilhar, partindo sempre do pressuposto que ele não iria dá soluções.

*“Assim, acho que o diálogo se revela muito importante e penso que numa futura oportunidade profissional que tenha, será muito importante o contacto e a troca de ideias que haja entre profissionais de educação física pois só desta forma, se poderá desenvolver um bom trabalho.”* (Reflexão do dia 12 de março de 2013)

## **5. CONCLUSÃO E PERSPETIVAS PARA O FUTURO**



Chegado a este ponto, é necessário assumir que a concretização deste documento é extensiva e ao mesmo tempo necessária para poder contemplar muitas das minhas experiências no EP.

No decorrer no EP, foram muitas as experiências vividas fazendo-me aumentar a minha capacidade que têm vindo a ser adquirida para ser capaz de me tornar professor de educação física. Devido à quantidade de experiências, quer em número quer em qualidade, é de todo impossível retratá-las todas, mesmo que de forma sucinta, neste documento. Assim, foram aqui abordados os temas que mais me marcaram no decorrer do EP, de forma exaustiva.

Sendo o desporto uma área de atuação que tem vindo a ter cada vez mais adeptos e a importância que pode vir a ter no quotidiano do homem é fundamental que, desde cedo, se percebam os benefícios desta prática. Um dos fatores que posso ter como gratificante é a oportunidade que me foi dada para tentar inculcar nos alunos o gosto por uma atividade que por mim é adorada.

Um professor acaba por ter inúmeras funções numa escola mas, mesmo tendo em conta as diversas conjunturas desfavoráveis que possam existir a nível educativo, penso que é fundamental que o professor não descore, para mim a mais importante: educar alunos. Esta foi, e espero que continue a ser, uma atividade que mais me deu prazer. No final de todo este processo que serviu para poder completar a minha formação, sinto que foi muito gratificante poder pensar que tornei 28 pessoas mais capazes para as adversidades e também para as situações boas que possam vir a surgir na vida.

Visto que a educação em Portugal está claramente a passar por problemas, possivelmente a curto prazo não será possível iniciar a minha prática profissional. Porém, um dia, mesmo que não no país que me formou, com muita pena minha, penso que conseguirei demonstrar o meu valor a nível educativo, e a minha capacidade para formar e ensinar alunos.

Assim, mesmo que as perspetivas não sejam de todo animadoras, acredito que um dia conseguirei continuar a fazer a atividade que tenho vindo a gostar cada vez mais de realizar: ser professor.





## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- Abreu, S. (2000). A gestão do tempo, a oportunidade de prática e os comportamentos de indisciplina, no ensino do rolamento à frente, à retaguarda e do apoio facial invertido, em aulas de educação física. Dissertação de mestrado em ciências do desporto na especialização de Desporto para Crianças e Jovens. FCDEF-UP.
- Alarcão, I. (2003). Professores reflexivos em uma escola reflexiva. Cortez.
- Batista, P. (2008). Discursos sobre a competência: Contributo para a (re)construção de um conceito de competência aplicável ao profissional do desporto. Porto: P. Batista. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bento, J. (1987). Planeamento e avaliação em educação física. Lisboa: Livros Horizonte.
- Braga, F. (2001). Formação de Professores e Identidade Profissional. Quarteto.
- Carrasco, J. (1989). Como avaliar a aprendizagem. Rio Tinto: Edições ASA/Clube do Professor.
- Carreiro da Costa, F. (2007). As Competências Profissionais dos profissionais de educação física no quadro do processo de harmonização curricular. A revalorização da formação inicial em educação física. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Colaço, C. & Rosado, A. (2002). Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas: Omniserviços, representações e Serviços, Lda.

- Delors, J. (2001). Educação, um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto. Edições Asa.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consult. 16 de Outubro 2012, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>
- Elias, F. (2008). A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes. Fundação Manuel Leão, V.N. Gaia.
- Lebre, E. & Bento, J. (2004). Professor de educação física: ofícios da profissão.
- Leite, C. (2005). Percursos e tendências recentes da formação de professores em Portugal. Porto Alegre. Revista Educação.
- Matos, Z. (2011/2012). Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissionalizante do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Porto: Faculdade de Desporto – Universidade do Porto.
- Matos, Z. (2011/2012). Normas Orientadores do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP. Porto: Faculdade de Desporto – Universidade do Porto.
- Mesquita, I. (1997). Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos. Livros Horizonte.
- Mesquita & Graça (2011). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Pedagogia do Desporto. Faculdade de Motricidade Humana. Edições FMH.

- Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Universidade de Lisboa.
- Programa Desporto Escolar (2009/2013). Gabinete Coordenador do Desporto Escola. Lisboa
- Projeto Educativo da Escola Secundária D. Dinis, aprovado em conselho geral de 25 de julho de 2012.
- Rink, J. (1993). Teaching physical education for learning. 2nd Ed. St. Louis.
- Rosado, A. & Colaço, C. (2002). Avaliação das Aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas. Lisboa: Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.
- Schön, D. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (coord.) Os Professores e a sua formação (pp. 77-91). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Siedentop, D. (1983). Developing Teaching Skills in Physical Education. Second Edition. Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (1990). Introduction to physical education, fitness and sports. Ohio State University.
- Siedentop, D. (1991). Developing teaching skills in physical education. 3<sup>rd</sup> ed. Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. & Tannehill, D. (2000). Developing Teaching Skills in Physical Education (4<sup>a</sup>ed.): Mayfield Publishing Company.

- Simões, C.M. (1996). Desenvolvimento do professor e construção do conhecimento pedagógico. Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães.
- Torres, L. (2008). A escola como entreposto cultural: o cultural e o simbólico no desenvolvimento democrático da escola. *Revista Portuguesa de Educação*, 21 (1), 59-81.
- Vickers, J. N. (1990). Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach.

**ANEXOS**

## Anexo 1 – Critérios de Avaliação Diagnóstica

### Relação com Bola

#### Passe de Ombro:

1. Não realiza;
2. Realiza, mas não arma o braço nem se orienta para o colega;
3. Realiza, procura o colega melhor colega e arma o braço;
4. Realiza, tendo em conta o colega de equipa melhor colocado, armando o braço;
5. Realiza, tendo em conta o colega de equipa melhor colocado, armando o braço, avançando-o aquando da execução do passe, e recuando o ombro e braço livre.

#### Receção

1. Não realiza;
2. Recebe mas não consegue controlar a bola;
3. Recebe a bola e controla-a.
4. Recebe e controla a bola, deslocando-se para a receber, orientando-se na direção do companheiro;
5. Recebe e controla a bola, deslocando-se para a receber, orientando-se na direção do companheiro, e adequa a receção à trajetória da bola;

#### Remate em Apoio

1. Não realiza;
2. Realiza remate em apoio, não se enquadrando com a baliza;
3. Realiza remate em apoio, apenas sem oposição;
4. Realiza remate em apoio, elevando insuficientemente o cotovelo;
5. Realiza remate em apoio, armando o braço e realizando a sua extensão total para expelir a bola, sendo forte e rápido na direção da baliza;

#### Remate em Salto

6. Não realiza;
7. Realiza remate em salto, não se enquadrando com a baliza;
8. Realiza remate em salto, apenas sem oposição;



9. Realiza remate em salto, elevando o cotovelo ao nível do ombro, mas não remata no momento mais alto do salto;
10. Realiza remate em salto, fazendo balanço para trás com o braço portador da bola, elevando o cotovelo à altura do ombro, e realiza o remate no momento mais alto do salto.

### **Comunicação na Ação**

#### Criação de Linhas de Passe

1. Não realiza;
2. O aluno desmarca-se para locais ocupados.
3. O aluno ocupa espaços livres, mas sem dar continuidade ao jogo.
4. O aluno desmarca-se, ocupando um espaço vazio para receber a bola de um colega.
5. O aluno desmarca-se e cria linha de passe na direção da baliza, criando assim uma situação de vantagem numérica e/ou oportunidade de finalização.

### **Estruturação do Espaço**

#### Enquadramento Defensivo

1. Não realiza;
2. O aluno não tem preocupação em colocar-se defensivamente entre o seu adversário direto e a baliza;
3. O aluno consegue identificar o seu adversário direto mas não consegue manter-se entre este e a baliza;
4. Frequentemente, o aluno coloca-se entre o seu adversário direto e a baliza, diminuindo a possibilidade deste receber a bola;
5. O aluno coloca-se entre o seu adversário direto e a baliza, diminuindo a possibilidade deste receber a bola e acompanha-o.

#### Ocupação Racional de Espaço

1. Não realiza;
2. O aluno desloca-se num espaço limitado do campo;
3. O aluno desloca-se no espaço não tendo em conta a posição da bola;

4. O aluno por vezes progride no espaço, tendo em conta a posição da bola e dos colegas.
5. O aluno progride frequentemente no espaço, tendo em conta a posição da bola e dos colegas e sabe qual o seu posto específico.

## Anexo 2 – Unidade Temática de Basquetebol



Tabela 1 - Unidade Temática Basquetebol (Parte 1)

Dia		21	28	3	12	17	19	26	31	9	14	16	23	28	7	12	
Duração (min)		45	45	90	45	90	45	45	90	45	90	45	45	90	45	90	
Conteúdos e aulas		1	2	3/4	5	6/7	8	9	10/11	12	13/14	15	16	17	18	19	
Cultura desportiva	História					I					E						
	Regulamento			AD	I						E						
	Caracterização da modalidade				I						E						
	Exeção de habilidades	Passo (peito e picado)	E		AD	I/E	E	E	E	E		E				C	AF
		Drible (progressão e proteção)	E		AD	I/E	E	E	E	E		E				C	AF
		Lançamento (Em apoio e na passada)	E		AD		Jessis	I	E	E			E			C	AF
		Paragens					I/E	E				E					
	Jogador com bola	Fintas e mudança de direção			AD			I	E			E				C	AF
		Ressalto							I/E		E		E				
		Posição de Tripla-ameaça			AD	I/E	E	E				E				C	AF
		Recepção e enquadramento com o cesto			AD		I/E	E		E			E			C	AF
	Tomada de decisão	Superioridade numérica										I/E		E		C	
		Passo e corte			AD					I/E	E	E		E		C	AF
		Transição defesa-ataque									I/E	E		E	E	C	AF

Tabela 2 - Unidade Temática Basquetebol (Parte 2)

Conceitos psicossociais	Capacidades condicionais	Cooperação/entreadajuda																								
		Responsabilidade	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	
		Fair-play																								
		Autonomia																								
Disciplina																										
Fisiologia do treino e condição Física	Capacidades coordenativas	Velocidade	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E		
																									Resistência aeróbica	
																										Força
																									Capacidade de reação	
		Diferenciação cinestésica	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E
		Organização coletiva	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E
	Jogador sem bola	Após de defesa	Após de ataque	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	
																										Destacamentos Defensivos
																										Enquadramento defensivo
	Ações de apoio	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	
																										Aclaramento
																										Occupação racional do espaço
E- Presente em todas as atividades desenvolvidas																										

## Anexo 3 – Plano de Aula

 <b>Plano de Aula</b> 				
Professor estagiário: Tiago Ferreira Professor Cooperante: José Soares		Turma: 9ªA Alunos: 26 Espaço:3	Data: 26/10/2012 Duração:45' Hora: 11:50	Aula n.º: 17 Sessão: 9 de 19
Função Didática: Introdução/Exercitação			Material: 6 bolas de basquetebol, coletes, sinalizadores.	
<b>Objetivos gerais:</b> -Introduzir o ressalto e criação de linhas de passe; - Melhorar a resistência; -Desenvolver o espírito de trabalho em grupo, de responsabilidade e autonomia.				
⊙	Objetivo Comportamental	Situação de Aprendizagem/Organização didático metodologica	Componentes Críticas	
Inicial	5'	Predispor para a prática desportiva; Mobilização do sistema cardiovascular e músculo articular.	Em meio campo, equipas com 6 elementos jogam o jogo dos 10 passes. A equipa que realizar os 10 passes em primeiro lugar ganha um ponto. Os passes devem ser contados em voz alta.	-Sempre a correr; -Rápido a mudar de direção; -Não vale driblar.
Fundamental	15'	-O aluno posiciona-se para ganhar o ressalto. Quem ganha o ressalto lança ao cesto;	Em duas colunas uma de cada lado da tabela e uma delas com bola, dois alunos correm até ao meio campo e depois em direção ao cesto. O portador da bola lança ao cesto, após o lançamento os dois alunos deverão disputar o ressalto e quem ganha o ressalto tem a oportunidade de realizar um lançamento.	-Saltar para ganhar o ressalto; -Quem ganha o ressalto lança; -Posição para ir ao ressalto; -Pernas afastadas;
	15'	- O aluno ganha o ressalto, escolhe uma das linhas de passe e dá sequência ao jogo;	Realizar o mesmo exercício anterior, porém, ao ganhar o ressalto, os alunos terão que passar para um dos colegas que está no início da fila. Os alunos que se encontram no início da fila deverão estar dentro do campo e fora da área restritiva.	-Saltar para ganhar o ressalto; -Rápido a passar para as linhas de passe; -Tentar estar na melhor posição para criar linha de passe; -Cabeça levantada para ver as linhas de passe; -Passar para a linha de passe mais perto;
Final	3'	-Estar atento às informações sobre o trabalho de grupo;	-Falar relativamente ao trabalho de grupo que está realizado pelos alunos sobre ética desportiva.	-Estar atento que não volte a repetir as informações;